



**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**  
SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

VÊNUS OU TAGIDE, NEREIDA OU MENINA CAPARICA, ANTES DO BANHO.—JÁ COMEÇAM A ANIMAR-SE AS PRAIAS

ANO IV-N.º 208

10 DE MAIO DE 1945  
PREÇO AVULSO 1.500



UM LINDO SONHO DE MULHER...

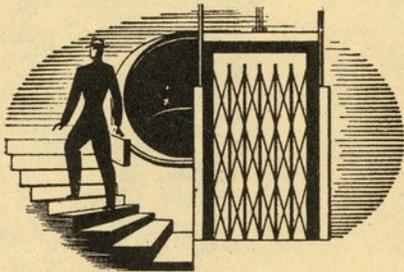


...POSSUÍR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

**FABRICA PORTUGAL**

PRACA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TELE. 2 4948



*V. não sobe a pé uma escada com elevador...*

Do mesmo modo não deve cansar o seu cérebro a calcular mentalmente. Entregue esse trabalho à

**FACIT**



A MÁQUINA QUE CALCULA RÁPIDO E CERTO  
SOMA • SUBTRAI • MULTIPLICA • DIVIDE

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, LDA.

LISBOA • RUA DA PRATA, 145 • TEL. 2 5281 E 2 2102  
PÓRTO • RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 • TEL. 1 248

**i Desportos!**

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.



A força e resistência combativas demandam músculos sólidos e potentes



A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias



A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos



A elegância de movimentos requiere a máxima elasticidade



O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia



A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado



O impulso e o domínio requerem uma perfeita coordenação nervosa

A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo anuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restituir-lhe-á o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

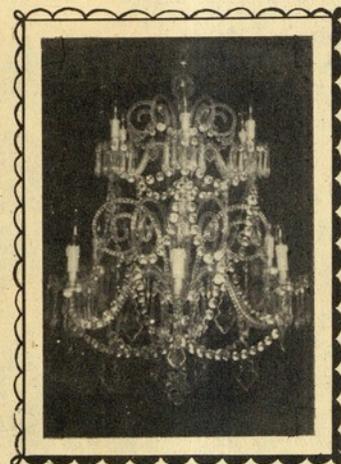
Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero.

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

**Fósforo Ferrero**

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-JOURS ★ CANDELABRÓS ★ CANDIEIROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

*J. R. de Brito*  
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497





# DEPÕE O ANTIGO PRESIDENTE DO MINISTERIO SENHOR GENERAL JOSE VICENTE DE FREITAS



O sr. general Vicente de Freitas na sua mais recente fotografia

**M**

A um período da situação criada pelo 28 de Maio que cabe na História ao senhor general José Vicente de Freitas.

Já Gomes da Costa, ao contemplar com êxito a sua marcha triunfal sobre o capital do país, nos dias que se sucederam à eclosão do movimento de Braga, destacara

para a Presidência da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa o sr. general José Vicente de Freitas.

Seria, porém, o coronel Passos e Sousa, ministro da Guerra da ditadura, quem, pela sua rara energia e pela sua acção decisiva, havia de aniquillar a revolta militar do Porto, conhecida na história pelo «7 de Fevereiro» e, depois, indicar o sr. general Vicente de Freitas para o cargo de ministro do Interior no gabinete em que o sr. general Carmona ocupava a dupla missão de Chefe de Estado e Presidente do Ministério.

E então que o sr. general Vicente de Freitas, companheiro desde os bancos da escola do sr. general Carmona, leva o Chefe de Estado a legalizar rapidamente a situação criada pelo 28 de Maio, fazendo eleições que conduzem da ditadura para um regime constitucional.

O sr. general Oscar Carmona encarrega o sr. general Vicente de Freitas de constituir o primeiro ministério constitucional da ditadura.

Com o sr. general Vicente de Freitas vem para o poder um professor ilustre de Coimbra: o Doutor António de Oliveira Salazar.

Foi para evocar estes tempos que procurámos o sr. general Vicente de Freitas, hoje com os seus 76 anos de idade, vivendo ainda num modesto andar dum prédio da rua Antero do Quental, onde sempre viveu.

É director da Escola Nacional, para onde, há 48 anos, entrou como professor, sendo tenente do exército.

Foi aí, no seu gabinete, que o ilustre militar nos recebeu.

O sr. general Vicente de Freitas revela-se desde logo um puro e simples espírito de militar. Nunca sonhou com a política. As circunstâncias levaram-no a desempenhar funções políticas. E o senhor general desempenhou sempre essas funções dentro duma missão estritamente militar, como numa ordem de serviço.

E é próprio quem nos diz:

Meu pai, que morreu tinha eu 16 anos, sempre aconselhou os filhos a que nunca fossem políticos. Por ser vontade de meu pai nem eu nem meus irmãos fomos políticos.

— Mas...

— Um dia, já no posto de major, após o movimento das espadas, o general Pimenta de Castro chamou-me para desempenhar uma missão de serviço: ir para governador civil da Madeira, cargo o mais difícil de ocupar, pela maneira de ser dos madeirenses, meus conterrâneos.

O senhor general Vicente de Freitas tem bem presentes factos passados da sua vida, e sobre eles discorre:

— Do cargo de governador civil da Madeira, conservo o seguinte episódio: após a minha chegada ao Funchal e em virtude de queixas que me foram apresentadas, encarreguei o general Norberto Jaime Teles de proceder a um inquérito à Junta Agrícola da Madeira, de que resultou a exoheração do Presidente, Visconde da Ribeira Brava, responsável pelas irregularidades cometidas, o qual se ausentou do Funchal.

«Surgiu pouco depois, o movimento de 14 de Maio de 1915 e com ele a queda do general Pimenta de Castro.

«O Visconde da Ribeira Brava (que mais tarde havia de ser morto na leva da morte, no consulado de Sidónio Pais), em plena Câmara dos Deputados, fez referências a que me atingiam, ofensivas da minha dignidade.

«Foi este o motivo do meu duelo à espada com o Visconde da Ribeira Brava, que se realizou na Charneca do Lumiar em 16 de Julho.

Mas a vida política do sr. general Vicente de

Freitas tinha começado e ia continuar. É êle que conta.

— Com o advento da situação de Sidónio Pais, tendo eu regressado da França, onde servi no C.E.P. como 2.º Comandante de Brigada, vi dias depois que tinha sido eleito deputado pela Madeira.

«Uma vez na Câmara dos Deputados, fui eleito vice-presidente, bem como o dr. Lino Neto. Presidia o velho Nunes da Ponte.

«Com a morte de Sidónio Pais voltei ao serviço militar, e as horas vagas dêse serviço destinei-as ao ensino particular.

Da morte de Sidónio Pais à eclosão do movimento militar do 28 de Maio vão largos anos de lutas e dissensões políticas, em que o sr. general Vicente de Freitas se não emiscui. Com o 28 de Maio, porém, o sr. general Vicente de Freitas volta para as lides da politica. Ouçamo-lo no seu próprio relato:

— Com o 2 de Maio, movimento para o qual não trabalhei, mas com o qual estive de acordo desde a primeira hora, fui nomeado, pelo general Gomes da Costa, presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

E continua:

— Passos e Sousa indica o meu nome para ministro do Interior; neste cargo visitei os distritos do país, antes ainda da eleição do sr. general Carmona para Presidente da República, que se realizou em 15 de Abril de 1928. Em 18 de Abril, por convite de Sua Excelência o Senhor Presidente da República fui encarregado de constituir ministério.

Este episódio agora pertence bem à história, à história dos nossos dias:

— Para ministro das Finanças — conta o sr. general Vicente de Freitas — foi indicado o nome do dr. Oliveira Salazar. Falei ao engenheiro Duarte

Pacheco (ministro da Instrução), para que, como o mais novo ministro do meu gabinete, fosse a Coimbra convidar o dr. Salazar. Duarte Pacheco voltou de Coimbra com as condições do dr. Salazar, que foram aceites pelo gabinete. E a 27 de Abril de 1928 o dr. Salazar tomava posse da pasta das Finanças. Se ele não tivesse aceitado o encargo, o ministro das Finanças seria o general Sines Cordes.

O sr. general Vicente de Freitas dá por findas as suas declarações. Não pretende dizer mais nada porque disse tudo. Desde há anos que vive para a sua vida particular e para o seu colégio. Em Canecães, tem alugada uma vivenda para onde se refugia todos os fins de semana e para onde vai viver sossegado e feliz as suas férias. O general, que é uma pessoa deveras atenciosa e comunicativa, conta-nos, já quasi à despedida, coisas da sua vida particular e da sua maneira de viver:

— Ainda hoje faço diariamente quatro quilómetros a pé. Sempre gostei muito de fazer este exercício. Quando era chefe do Governo, ia todos os dias e vinha, duas vezes por dia, de minha casa ao Terreiro do Paço, que são cerca de dois mil metros de distância. Todas as manhãs eu partia a pé, sozinho, para o ministério. Nunca tive receio de nada, porque procurei ser sempre justo em tudo e para todos. E uma pessoa que seja justa nada tem nunca a recear.

«Pormenorizando mais ainda:

— A hora do almoço é que vinha sempre o automóvel trazer-me a casa, porque sempre na minha vida tomei as refeições a horas absolutamente certas, e nunca gostei de chegar a casa cansado para comer.

E foi este general simpies, cavalheiresco e amável, mas também homem de precisão e de justiça, que um dia, o Exército português encarregou da dura missão de resolver em Portugal o problema da ordem.

JOSE PLACIDO



Na foto da esquerda, com a patente de major, quando era governador civil da Madeira e, na foto da direita, com a patente de tenente-coronel, quando era deputado pelo distrito do Funchal e vice-presidente da Câmara dos Deputados



OS supusemos, nesse momento, o meu amigo João e eu, que Martial não poderia terminar o seu relato. Nós pedimos-lhe que repousasse um instante, que se interrompesse. Percebíase a vida abandonar a pouco e pouco aquêle corpo martirizado. Soerguido sobre os pulsos quasi diáfanos, anelante, êle quis continuar. Propusemos-lhe uma injeção, mas afastou bruscamente a seringa e disse quasi irritado:

— Para quê isso? E continuou a sua narração:

— É preciso que eu acabe depressa, agora, porque bem sei que os meus minutos estão contados.

«Foi uma dura luta entre Gilberto e eu, mas acabei por dominá-lo com visível alegria de Renabe, que parecia encantada por aquela estranha forma de escolher noivo. No entanto, eu ignorava todos os outros costumes especiais daquela civilização, e, entre êles, a indissolubilidade do matrimônio, a não ser pela morte. Segui Renabe para a palhota, ela foi minha, e desse momento em diante certifiquei-me que nunca soubera antes o que era a felicidade...»

Desde essa noite, sem que tivesse havido qualquer cerimônia, nós fomos esposos perante todos os componentes da tribo. Fiquei admiradíssimo quando na manhã seguinte, ao sair da cabana, fui recebido ao ar livre por uma delegação de ministros e grandes da tribo, que me esperavam para me testemunharem o seu respeito, curvando-se até baterem o solo com a fronte.

Renabe, porém, acha naturalíssima aquela inatendida homenagem. Ela era filha do rei da tribo, do qual eu viria a ser, mercê daquele casamento, o sucessor legítimo. Quando Gilberto apareceu, foi por sua vez obrigado a manifestar-me as mesmas deferências, as mesmas provas de humil-



«Um instinto secreto devia tê-lo prevenido da minha presença, pois lá voltar-se para o local onde me encontrava — não lhe dei tempo, porém, a descrever o gesto, e a minha bala prostrou-o morto aos pés do rei indígena. Renabe deu um grito, e saltou para trás, aterrada. Só então compreendi que eu próprio me banira do ambiente da minha felicidade: matara.»

«A lei era inflexível. Era certo que salvara a vida ao chefe da tribo, era certo que o fizera para defender a ilha de um monstro — mas era igualmente certo que eu matara!...»

«O julgamento foi uma cerimônia sombria e única. Renabe e os próprios juizes choravam; não queriam condenar-me, gostavam de mim, mas os deuses seriam implacáveis se eu não fosse banido. E a lei cumpriu-se, segundo o estranho ritual: o condenado devia desaparecer da sociedade, mas

# ÂMBAR CINZENTO

dade, que todos os outros me tinham testemunhado já. Escusado é dizer-vos com que raiva, com que ódio concentrado, êle me exteriorizou a sua fidelidade...

«A minha felicidade só era ensombrada pela presença de Gilberto na ilha. Nos primeiros dias ainda acreditei que tinha alcançado a calma e a tranqüillidade que me era necessária; mas em breve compreendi que o meu cúmplice não me deixaria em paz, e tudo tentaria para me substituir junto de Renabe e me fazer desaparecer.»

«Depois de me ter inútilmente armado uma raioeira no meu caminho habitual para a caça, dois tiros assobiaram aos meus ouvidos — eu sabia bem de que espingarda êles provinham... Renabe, advertida por um sexto sentido, não queria abandonar-me nem um instante.»

«Um plano surgiu-me no cérebro: arranjar maneira de afastar Gilberto da ilha. Apesar das caminhadas que êle fazia em tôdas as direcções, não encontrara ainda o esconderijo onde estava o âmbar cinzento. A riqueza deixara de interessar-me logo que encontrara o amor e a tranqüillidade. Procurei-o. Eu sabia o segredo desse esconderijo, que me fora confiado pelo rei meu sogro como prova da alta confiança que em mim depositavam desde que me tornara o herdeiro da sua realeza. Gilberto recebeu-me mal, segurando com a mão convulsa uma arma. Sem mais preâmbulos, disse-lhe:

— Sei onde se encontra o âmbar cinzento. Entrego-te êsse tesouro que por ti próprio jamais descobrirás, se me garantes que abandonas a ilha e me deixas aqui viver em paz.»

«Com um cinismo provocador respondeu-me que só abandonaria a ilha levando o âmbar cinzento e Renabe. Não havia nada a fazer. A partir desse momento, preparei-me para o pior.»

«Durante uma semana reinou calma absoluta. Certo dia em que caminhava na floresta em companhia de Renabe, ouvi perto um estranho ruído. Apartei umas trepadeiras e vi, ao meio de uma clareira, um estranho espectáculo: amarrado de pés e mãos o pai de Renabe estava próximo de uma fogueira; três indígenas, sob a ameaça da espingarda de Gilberto — naquela terra onde atentar contra a vida do próximo, seja em que circunstância fôr, coloca a indivíduo fora da sociedade — faziam o papel de carrascos. O fim do miserável era obrigar o rei a dizer-lhe onde estava o âmbar-cinzento.

sem derramamento de sangue e sem que contra êle fosse exercido qualquer acto violento. Para tanto, em condenações semelhantes — e raríssimas — era usado um arripiante processo: o sentenciado era amarrado dentro de uma canoa, a qual era lançada ao mar na maré vasante. Dada a enorme distância da ilha a qualquer outra terra, e a situação do sentenciado, sem alimentos e sem água, delatado de costas na canoa à deriva, não tardaria em morrer de inanição, em pleno oceano, olhando o céu... É horrível, é tenebroso!

«Mas aconteceu tudo isso, entre um côro de soluços contidos — e eu fui lançado no oceano imenso, sob um sol embraseante. Percebi, em meio da angústia horrível que me avassalava, que as cordas que prendiam os meus pulsos não estavam tão sólidas que a minha força de Hércules — nesse tempo... — não pudesses tentar rebentá-las — e, no fundo da canoa, mão bondosíssima colocara, às escondidas certamente, algumas cabaças com água. Sei, tenho a certeza que foi a minha doce Renabe que tentou, desafiando a cólera dos seus deuses, salvar-me a vida!»

Martial respirava com muita difficuldade. Calou-se, comovido. Depois, prosseguiu:

«Doze dias e doze noites vaguei ao acaso, sem um leme, sem um remo, sem uma vela, e já sem forças, até que fui recolhido num paquete que fazia a rota do Cabo da Boa-Esperança e depois seguia para a Europa. Paguei a minha passagem varrendo a borda e descascando batatas na copa... Enfim, cheguei a França vivo! No meu segundo dia de Paris encontrei um companheiro de colégio, que reconheci; ficou admiradíssimo, e foi franco: a minha aventura no banco de Honolulu deixou rasto, a minha fotografia fôra publicada em toda a Imprensa, e toda a policia do mundo tinha ordem de me prender. Então, passei a viver em buracos, como uma fera acoçada, só osando sair de noite, para pedir. Quando te estendi a mão

para que me desses alguns «sous», e me reconheste, eu estava no fim da minha resistência física e moral. Aqui tens a história.»

E escondeu a cara para chorar.

— Vamos, é preciso coragem! A vida continua! — disse-lhe eu.

Olhou-me com veemência, e ripostou: — Não. Não mais me habituarei a isto. Quero regressar ao único canto da terra onde mora a felicidade, onde os homens são bons, e eu poderei ser perdoado.

E nunca mais foi visto.

UMA NOVELA DE PAUL VIALAR

# JOÃO FALCATO

## O AUTOR DE "FOGO NO MAR" VAI CONTAR NUMA SÉRIE DE ARTIGOS O QUE NÃO DISSE NO SEU LIVRO



### O QUE DISSE A CRÍTICA SÔBRE "FOGO NO MAR" E O QUE JOÃO FALCATO VAI ESCREVER PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

**R**ARAS vezes um autor terá tão rapidamente conquistado a atenção da crítica e do público. A demonstração desta verdade está na procura do próprio livro e nas palavras que, a propósito de «Fogo no Mar», A. Luquet escreveu no «Primeiro de Janeiro». São dele as frases que transcrevemos — frases atrás das quais não há reticências. Podemos dizer que raras vezes a crítica terá sido tão incondicional. E, porque o é, não sentimos escrúpulo em transcrever apenas parcialmente a opinião de um dos melhores espíritos críticos do nosso tempo: «Finalmente, apareceu na literatura portuguesa a obra que faltava, o padrão do género novo, que suplantarà todos os outros. A volta dele andam a tatear uns tantos jovens escritores, teimando em chamar romances a esboços de reportagens, mas não fazendo nem reportagem nem romance, pois os compromissos, os paliativos, o querer agradar a Deus e ao Diabo, o aspirar a dizer Amor e não lhe chegar a língua, não são de molde a dar relévo à obra de arte.

Tal como Aristoteles ao demonstrar o movimento, um — até agora ignorado — escritor português demonstrou como se pode fazer reportagem com arte, documentários com estilo. Chama-se João Falcato e o título da sua obra é «Fogo no Mar». Não há na literatura portuguesa, depois da «História Trágico-Marítima», mais pungentes páginas a evocar a angústia dos naufragos. Mesmo ora desse tenso, os raros vezes um escritor terá atingido, em Portugal, um tal poder de veracidade na acção, um tão forte dramatismo em cenas rápidas, uma tal violência de comocão sentida e transmissível ao leitor mais prevenido contra as armadilhas à sua sensibilidade.

Sufoca-se ao ler a descrição portentosa; mas não sabemos que mais admirar: se essas cenas de apocalipse, se os caracteres humanos, entrevistas entre labaredas, um João Redondo, homem de nervos de aço, um António Pereira, herói de mais de sessenta anos, um João Alfala, mestiço de Cabo Verde e outros ainda, que arriscam a vida para salvar a dos companheiros.

A admirável reportagem, «Fogo no Mar», com um mínimo de palavras, sem louçanias de estilo, é um dos mais belos documentos da literatura portuguesa de todos os tempos. O humano e o social lá têm o seu lugar, mais naturalmente, sem a preocupação de fazer «social» ou de fazer «humano». Assim como o autor diz ao recordar os seus próprios sentimentos: «Medo? Não! Não se perde tempo a ter medo», ditamos também que a testemunha da tragédia não perdeu tempo a escrever lugares comuns sobre o contingente e o mudável. Fêz o seu depoimento — para a eternidade.

Ou nos enganamos muito ou o sr. João Falcato, se não se deixar contagiado pela mediocridade ambiente, pela retórica dos que pretendem deter a história da literatura de amanhã, pelo possessivismo literário que está a entorpecer alguns reais valores — há-de ser um grande escritor de amanhã, porque o é já hoje. Quem viu a morte de tão perto e não quis morrer, contraiu obrigações grandes com a vida. Quem auscultou tão profundamente a dor humana e se emboragou de humana solidariedade, tem o dever moral de cumprir a sua missão e de fazer a reportagem da vida com a mesma garra genial com que fez a reportagem da morte».

\* \* \*

Que vai, então, dizer João Falcato depois do seu depoimento e do julgamento da crítica? Aqui fica o esquema do seu trabalho — o enunciado de uma verdadeira obra literária: João Falcato, numa série de crónicas ilustradas com foto-

grafias colhidas no próprio local pelo autor, que tem verdadeiro espírito de «reporter» — vai dizer-nos o resto que não disse no seu livro, numa série de artigos, cujos capítulos se intitulam: 1.º — A tragédia do «Melo»; 2.º — O incêndio foi um criminoso acto de guerra? 3.º — A quem responsabilizar pela morte de 15 marítimos portugueses? 4.º — Abandonado em pleno mar, o casco do «Melo» incendiado foi rebocado pelo navio suíço «St. Cergne», a caminho de Pernambuco! 5.º — A quem pertence esse salvado? A tripulação do barco que o rebocou em fogo? 6.º — Epílogo duma tragédia. Tal é, pois, o enunciado de uma grande obra literária, de projecção social e humana, que «Vida Mundial Ilustrada» vai começar a publicar no próximo número, e que marcará como uma das nossas melhores iniciativas!

### QUEM É JOÃO FALCATO O ESCRITOR QUE TRIUNFOU COM O SEU PRIMEIRO LIVRO

**J**OÃO Falcato foi personagem central da maior tragédia que um navio português viveu no Atlântico: o incêndio do cargueiro «Melo». Estudante universitário, souhou embarcar e entregar-se ao destino duma grande aventura: conhecer mundo, ver o mar e a sua côr, sentir a distância doutras terras e doutras paisagens, o contacto doutras gentes. Tirou a cédula de piloto, e no cargueiro «Melo», barco de paz em mar de guerra, começou a materializar esse desejo, rascando nas águas tranquilas do Atlântico um caminho de esquecimento e de sonho. Aportou a esse maravilhoso país da América do Sul, que se chama Argentina, e, em Buenos Aires, resplandecente de beleza, transmite ao prof. Francisco Romero, glória da ciência latino-americana, uma mensagem pessoal dum professor da Universidade de Coimbra, e inicia com os estudantes argentinos o princípio dum intercâmbio cultural em que estavam interessados alguns rapazes universitários portugueses.

Quando o apito do «Melo» cortou longamente o silêncio desse fim de dia, e se espalhou triste uma despedida de Buenos Aires, nada fazia prever que no mar uma tragédia aguardava aqueles tripulantes.

João Falcato viveu dramaticamente todas as horas que o vapor levou a consumir-se em chamas nas águas tranquilas do Atlântico-Sul. Nu e sem mantimentos, andou perdido numa baleeira, com outros naufragos, lançou companheiros mortos à sepultura das águas, e encheu-se de humana solidariedade por outros que a certeza da morte endoideceu!

De tudo que viu e sentiu escreveu um livro «Fogo no Mar». E esse livro ganhou-o ao lugar de destaque que hoje ocupa nas letras portuguesas. João Falcato triunfou de um modo absoluto com o seu primeiro livro.

### APONTAMENTOS PARA UMA ENTREVISTA

Quem acompanha o pouco de crítica literária que se faz em Portugal — e aludimos somente àquela que não é louvaminheira — nota que (referimo-nos, sobretudo, a um dos mais discutidos críticos) se pretende sempre, como fosse um classificador de biblioteca, fazer uma ficha e catalogar a obra criticada, dando-lhe uma escola, uma tendência. Não se faz a crítica da obra, como se ela fosse uma parcela, um bocado do movimento literário. Mais: como uma pedra, grande ou pequena, da história da literatura, que está sempre em movimento — não é um movimento parado, mas vivo, em transformação, quer no aspecto temático, quer no seu aspecto formal e técnico.

E porque há bem poucos anos só era considerada obra de arte, o romance que «tivesse muita imaginação», vá de se classificar como trabalho artístico inferior — a reportagem. Como se a vida, a evolução da arte se contentasse com os cânones estabelecidos.

Da adolescência, ficaram-nos essas reportagens

extraordinárias de Madeleine Paz, em o «Mondes», sobre os Estados Unidos. E nunca mais pudemos esquecer, quando se fala daquele país, os mineiros, amachucados e doloridos, em carne viva, da região de Kentucky. Nunca esquecemos essas figuras dantescas de homens do mar, que Jack London nos deu, no seu livro maravilhoso «The Ship's Crew», e, para falarmos de portugueses, as páginas vivas, vibrantes, coloridas, de Raúl Brandão em «As Ilhas Desconhecidas». E foi tal o poder artístico deste escritor que, um dia, em viagem para os Açores, a bordo do «Lima», alguns anos após a leitura daquele livro, nós conhecemos os mesmos fogueiros — dorsos nus, um trapo atado ao pescoço, negros de carvão, patinados pelo suor. Eram os mesmos — nós já os conhecíamos.

E, pois, possível considerar só obra de arte a descrição da vida, em que o artista a transfigura com a imaginação, criando «casos», «problemas», narrando uma «história»? Cremos que não. E mais: não está a sentir-se, na moderna geração de escritores — e ao acaso lembramos-nos de Steinbeck, de John dos Passos, Jorge Amado, Ehrenburg — uma tendência para escrever os seus romances em grandes pinceladas de reportagem?

A todos estes problemas focados, intencionalmente não demos solução, visto julgarmos que, independente do aspecto temático, a nova corrente literária, no seu aspecto formal, está em permanente *devenir*. O futuro, pois, quanto a nós, da técnica do romance, será uma simbose das várias escolas e técnicas literárias, na medida em que elas sirvam para dar mais vivo e natural o homem e a vida de hoje.

Isto tudo foi sugerido pelo livro que um moço estudante universitário acaba de publicar — «Fogo no Mar». É a reportagem viva, alucinante, dura e trágica do naufrágio do barco «Melo». E se o escritor nos empolga com a descrição do naufrágio, não menos nos emociona, quando nos dá as figuras dos tripulantes, como a de João Alfala. Tudo neste livro é natural, verdadeiro, tocado por um sópro de humana simpatia. Nós cremos que esta obra, desprezenciosa, escrita sem intenções artísticas, ficará para sempre na nossa memória.

\* \* \*

Uma tarde destas, ocasionalmente, foi-nos dado conhecer João Falcato, o autor de «Fogo no Mar». E porque já tínhamos lido o livro, não resistimos a entrevistá-lo.

— Que ideia foi a sua de abandonar os estudos e fazer-se ao mar? — começámos por perguntar.

— Sabe: desde muito novo, lá no Alentejo, numa terra parada e esquecida do mundo, vivia o meu sonho de viajar. E um dia, a aproveitar umas

(Continua na pag.





## O CINEMA FRANCÊS DEU-NOS UMA NOVA VERSÃO DE "CARMEN"

Não obstante as muitas dificuldades que avassalam a Europa, a França tenta recuperar o seu lugar na indústria cinematográfica mundial — e que, sem dúvida, era já de vanguarda. Um dos primeiros temas a procurar, pelos cineastas franceses foi, precisamente, o libreto da «Carmen», que foi realizado por Christian Jaque. Este filme, de grandes cenários, e que é interpretado por Viviane Romance, Marguerite Moreno e Jean Marais — que se fez «moreno» para o caso, como a foto mostra — está a obter um grande êxito em Paris.



## O HOMEM DOS SEUS SONHOS

**A**LLAN Ladd figura entre os galãs favoritos do público americano. Lisboa não o conhece ainda. Um dos filmes que interpretou — o primeiro se não estamos em erro, que se exibiu em Portugal — passou totalmente despercebido no Olimpia, com o título «Aluga-se esta Arma». Allan Ladd interrompeu a sua carreira, para se alistar. Mas a recordação dos seus filmes permanece bem viva no espírito das suas admiradoras. E a foto, feita recentemente, em Nova-York, quando o famoso actor assistiu à estreia de um filme célebre, demonstra essa fanática admiração. Allan quase desaparece sob uma avalanche de lindas raparigas que lhe solicitam autógrafos. Chamam-lhe «The Dream Man» (o Homem Sonho).

E o mais curioso, no meio de tudo isto, está neste contraste simples: Allan Ladd, na vida real, é a antítese do D. Juan. Vive isolado e tranqüilo, na sua casa da Califórnia, entregue às alegrias do lar, como chefe de família exemplar.

**JORGE BRUM DO CANTO  
COMEÇA, EM JUNHO,  
"LADRÃO, PRECISA-SE..."**

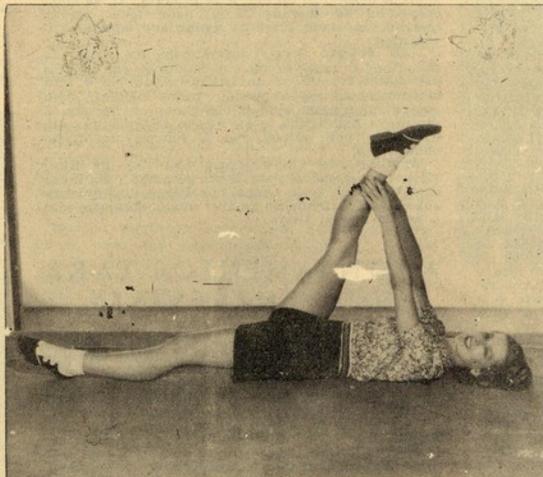
**J**ORGE Brum do Canto vai fazer «A Recompensa» ou «Ladrão, precisa-se»? Tal foi a pergunta que durante muito tempo intrigou os «mentideros» cinematográficos — e para a qual, em boa verdade, se não descortinava uma resposta plausível. Porque se num dia se dava como certo que o realizador de «Um Homem às Direitas» iria iniciar a

versão cinematográfica da peça de Ramada Curto, no dia seguinte tudo se conjugava para tornar imediato o projecto de filmar o argumento original de Silva Tavares e Francisco Mata.

Pois muito bem. Agora, é certo, Jorge Brum do Canto realizará a partir de Junho próximo — as construções de cenários começam a meados deste mês — «Ladrão, precisa-se...», uma comédia musical, de recorte originalíssimo, e que se destina, na ronda de filmes nacionais, a marcar um novo rumo no sentido dos argumentos.

Depois deste filme, Brum do Canto iniciará, então, «A Recompensa», cuja adaptação à tela vem estudando com o dr. Ramada Curto.

## PARA VÓS, MINHAS SENHORAS...



**S**E querem emagrecer, não tomem beberagens, não se estafem a andar, não deixem de comer! Pelo menos, é essa a opinião de Mary Howard, umas das mais elegantes vedetas da Cinelândia. Para adelgaçar e eliminar as gorduras da barriga, a simpática estrelinha recomenda um exercício muito simples. Com as pernas hirtas e ligeiramente afastadas, fazerem a flexão do tronco até tocar com as mãos no chão. Repetir, todos os dias, ao deitar e ao levantar, o exercício. Primeiro dez, depois quinze ou vinte vezes. De início treão dificuldades. Os músculos começarão a doer e por mais esforços que façam não conseguirão tocar com os dedos no chão. Mas a pouco e

pouco, à medida que as adiposidades se forem eliminando, tudo se passará mais facilmente.

E quando, como a foto mostra, conseguirem apoiar a palma das mãos no chão — então, leitoras, terão conseguido atirar com as cintas para o rol das coisas dispensáveis e adquirido uma linha impecável.

Querem experimentar o exercício? Vale a pena tentar, porque o Verão está à porta e os fatos de banho não perdoam as curvas inestéticas, que são a sombra negra da mulher portuguesa, habituada a uma alimentação e a uma inactividade que as favorecem...

# 5

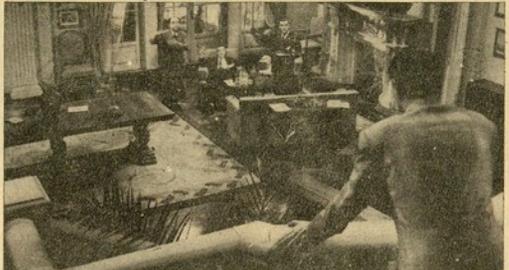
## ARTISTAS PORTUGUESES EM ESPANHA



Ana Maria Campoy, no papel da nova secretária do «Sr. Delgado», papel desempenhado por Barreto Poeira.



Pedro (António Casal), o secretário do «Sr. Delgado», diz a sua mãe (Regina Montenegro), que vai despedir-se do escritório por não poder atuar a nova secretária...



Quando o pai regressa a casa, encontra os criados instalados na sala, gozando as delícias dos seus charutos e da sua frascuça... Sentado, Humberto Madeira.



Rosária Meireles, tal como vai aparecer em «O Diabo são elas», no papel de uma irrequieta e perturbadora criada.

**A**RTISTAS portuguesas e espanholas filmam em Madrid, nos estúdios Roptence, sob a direcção de Ladislau Vajda — o realizador de «Doze Luas de Mel» — uma comédia cinematográfica, «O Diabo são elas», versão da peça «Cinco Lobitos», dos Irmãos Quintero.

Do lado português, nada menos do que Barreto Poeira, Humberto Madeira, Regina Montenegro, Milita e Rosária Meireles. Do lado espanhol, Ana Maria Campoy — artista que figura entre as primeiras da actualidade — e António Casal, o galã do filme da Millá, acima referido.

As filmagens decorrem com magnífico rendimento de trabalho, e a versão portuguesa — sob os cuidados de Eduardo Oliveira Martins — deverá ser apresentada ainda no decurso da presente temporada. Os Irmãos Quintero escreveram a peça — e os irmãos Galhardo — Luís e José — adaptaram os diálogos à nossa língua.

O único incidente digno de menção foi a doença de Barreto Poeira. Uma súbita afeição de garganta, com carácter alarmante, obrigou o intérprete de «Um Homem às Direitas» a recolher a uma casa de saúde, onde foi operado de urgência. E cabe aqui exaltar a camaradagem dos intérpretes espanhóis, que nem um só dia deixaram de o visitar, cumulando-o de gentilezas.

Damos, nesta página, as primeiras fotos do filme, extrahidas de cenas onde intervêm quasi todos os artistas portugueses.



## «CUIDADO! AS PORTUGUESAS SÓ NAMORAM PARA CASAR»

**E**LA é Hedy Lamarr. Ele, John Garfield. O filme de que extrairmos esta cena chama-se «Tortilla Flat», versão cinematográfica da obra célebre do romancista americano John Steinbeck. A acção localiza-se num «pueblo» da Califórnia, junto à fronteira do México. Ainda hoje a sombra de Cabrilho se estende por toda a região. E há muitas famílias que descendem em linha recta dos colonos portugueses da Califórnia. A heroína do romance, muito embora se chame «Dolores», é portuguesa. É, a certa altura, Spencer Tracy, o outro intérprete do filme, adverte John Garfield, que arrasta a aza à Dolores:

— Cautela! Olha que as portuguesas só namoram para casar! Elogio à constância e à sinceridade das mulheres da nossa terra — que têm na capta beleza latina de Hedy, uma embaixatriz maravilhosa e condigna.

## A RESSURREIÇÃO DOS VELHOS FILMES

**N**O Teatro Astor, de Nova-York, verificou-se, recentemente, um facto curioso, susceptível de confirmar as novas tendências que se vêm esboçando no mundo inteiro, no que respeita à organização dos espectáculos cinematográficos. Com efeito, duas semanas depois daquela sala haver apresentado «As Mil e Uma Noites», a empresa decidiu exibir, no mesmo programa, o filme «Quo Vadis», realizado em 1926 pela famosa «Cines», e que inaugurara os espectáculos cinematográficos do Astor, em 21 de Abril de 1913. O êxito foi além de toda a expectativa. A película de Maria Montez, que entrara em declínio, manteve-se no cartaz, durante longas semanas, e os comentários autorizados, com Terry Ramsaye à cabeça, atribuíram o recrudescimento do interesse público à curiosidade provocada pela produção italiana dos velhos tempos.

Por outro lado, quem desdobrar os jornais ingleses, verifica que, no momento actual, se está recebendo em Londres, com êxito igual à sua estreia na mesma cidade, «O Sinal da Cruz», de Cecil B. de Mille, faustosa reconstituição da Roma dos Césares.

A exhibição de «Branca de Neve e os Sete Anões», em Nova-York, seis anos volvidos sobre a sua primeira aparição nas telas de Broadway, registou receitas superiores às da estreia.

Estes três factos querem, evidentemente, dizer alguma coisa. E julgamos não ir além do significado próprio, afirmando que a vida dos filmes não é tão efémera como parece, e que, a muitos anos de distância, a mesma película apresentada na mesmíssima sala que primeiro a projectou, é susceptível de realizar receitas idênticas.

Até entre nós se registaram, na época passada, factos que vêm em reforço de tal convicção. Em pleno mês de Junho, precisamente nos dias mais quentes do ano, a multidão acorreu ao São Luís, durante a semana comemorativa do 20.º aniversário da Metro, para ver as velhas cópias de filmes célebres, como «Trader Horn», «A Rainha Cristina», «San Francisco», etc., apresentados naquela sala em condições precisamente iguais às da sua estreia. O público não se preocupou nem com os preços nem com o calor — por-

que acima de tudo o dominava o desejo de ver ou rever, no ambiente de uma grande sala de estreia, os filmes de que guardavam a recordação de um espectáculo excepcional ou a memória de um título aureolado de prestígio.

O mundo renova-se constantemente. A população das salas também. O rapaz que tinha seis anos, quando se estreou o «Trader Horn», conta hoje dezéito — e a África é para ele um sonho de aventura inacessível. A menina que os pais não quiseram levar ao cinema para assistir à «Dama das Camélias» é agora feliz mamã de um bebé encantador e arde em desejos de ver a história romântica da grande amorosa, desde que lei que ainda hoje há flores desfolhadas sobre o túmulo da «Dama das Camélias». A criança, que nasceu no ano em que Disney apresentou «Branca de Neve», tem já idade para ver e entender aquele filme.

Mas há as salas de «reprises», dir-se-á. Não deixa de ser oportuno lembrar, entretanto, que a média de vida dum filme no nosso país — e porque em regra se trabalha apenas com uma cópia — não vai além de três anos. E que, por outro lado, conta-se muita gente que apenas frequenta as salas de estreia. O mesmo «Trader Horn» que numa noite canicular encheu o «São Luís», passara quasi despercebido, dias antes, numa sala de reexibição.

Explica-se, deste modo, o comentário dum exhibidor espanhol que, mercê das contingências da guerra civil, se viu forçado, durante muito tempo, a repassar na sua sala de estreia os velhos filmes:

— V. ficaria surpreso se eu lhe dissesse como o público ocorre e o interesse que lhe merecem as grandes fitas de outras épocas, que nós considerávamos filmes já extintos.

A iniciativa do «Astor», o êxito do «Sinal da Cruz» em salas londrinas, e as receitas da reexibição de «Branca de Neve» — são uma indicação segura de que a vida dos filmes não fica com «nada» ao breve espaço da sua apresentação. E julgamos não ser arriscado prever que tal facto virá a influenciar, de futuro, a exploração das nossas salas cinematográficas. Cópia de novas de velhos filmes — dentro dos limites impostos pela evolução da técnica — eis uma inovação que, estamos certos, não desagradará, de vez em quando, ao leitor.

FERNANDO FRAGOSO

**"DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA"  
SEGUNDA EDIÇÃO PELO  
DR. RAMADA CURTO**



**JOAQUIM  
MOTA  
JÚNIOR**



**O QUE SÃO OS  
"POCKET BOOKS"  
QUE OS AMERIC-  
CANOS VÃO  
EDITAR EM POR-  
TUGUÊS**

**N**A América, tudo se passa «ao grandes». Por exemplo: nasce uma pequena idéia e amplia-se até abranger todos os continentes.

É este caso do «Pocket Books» que o sr. Robert Graff se lembrou de editar em inglês e que vai agora aparecer editado até em espanhol e português.

De facto, o sr. Robert Graff, como presidente e fundador do «Pocket Books Inc.», de regresso a uma viagem à América do Sul e Central, anunciou esta coisa que deve parecer, a quantos escrevem em língua portuguesa, qualquer coisa de impressionante: a expansão de obras literárias entre o povo da América latina, aumentando, ao mesmo tempo, os proventos dos autores e dos editores. Nessa colecção entrarão obras de todas as categorias, mesmo as populares — sem deixar de dar preferência às melhores da cultura universal.

Quanto à valorização material da obra, Robert Graff explicou: — Os direitos de autor são pagos ao editor da edição original, direitos que serão divididos com o autor, em conformidade com os termos do contrato firmado entre este e o seu editor. E, porque a «Pocket Books» não compra manuscritos ainda não publicados, nem sequer existe o problema de competição com os editores já estabelecidos em todo o mundo.

Por outro lado, todo o trabalho de composição e impressão será feito na América Latina — isto é: os livros escritos em português serão publicados no Brasil, e os livros escritos em espanhol publicados nas restantes repúblicas sul-americanas. Evidentemente, haverá também traduções, para inglês e para português ou espanhol, de obras consideradas de alto valor literário, e que merecerão todo o cuidado de tradução.

Éis o que, por exemplo, dizia o «Diário Carioca», de 10 de Fevereiro último, acerca dos pequenos livros de algibeira:

«Os «pocket books» em português proporcionarão aos editores e autores brasileiros uma mais ampla distribuição dos seus livros, obtendo maior número de leitores para toda a indústria.

«A «Pocket Books» não planeia fazer publicações originais, mas editará em português, por meio do pagamento de direitos ao editor brasileiro, não apenas os melhores livros brasileiros mas também as melhores traduções dos grandes livros de outros países. As obras serão seleccionadas e as traduções aprovadas por uma junta consultiva das autoridades literárias brasileiras.

Veremos até que ponto será afectada a produção propriamente portuguesa — a daqui de Portugal. Os nossos editores não poderiam entrar em contacto directo com a «Pocket Books» — para que fossem zelados os direitos das suas edições e dos autores que eles representam?

**A** PARECEU nas montras das livrarias, com um ar fresco de novidade literária, a segunda edição de um volume, cuja primeira edição se esgotou em tempo «récords»: «Do Diário de José Maria», pelo dr. Ramada Curto. E tudo nos leva a crer que esta segunda edição não será a última, pois este belo livro é um daqueles que mais se identifica com o seu autor — a «verve», o espírito, a leveza de Ramada Curto, têm um dos seus mais felizes momentos nas páginas «Do Diário de José Maria», e daí resultou, por certo, o grande sucesso da obra. Falar de Ramada Curto não é coisa fácil, ao contrário do que possa supor-se: homem de leis, dramaturgo e escritor, ele é tão estruturalmente diferente daquelas outras pessoas para quem se usa a adjectivação laudatória de Imprensa, que não nos atrevemos a qualificá-lo com essas palavras, que perderam já o seu verdadeiro significado... Assim, diremos simplesmente de Ramada Curto —



**JOSÉ  
OSÓRIO  
DE  
OLIVEIRA**

**P**ARA a colecção Cruzeiro do Sul, organizou José Osório de Oliveira mais um valioso volume, em que nos dá aspectos valiosos do panorama literário brasileiro. Depois dos «Contos Brasileiros» surge-nos, na sua estrutura mais sólida de ser pensante, o ensaísta biografado e, de algum modo, comentado. Neste volume, editado pela Livraria Bertrand, surge-nos, assim, Vicente Licínio Cardoso, Alberto Torres, Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Oliveira Viana, Paulo Prado, Buarque de Holanda, Mário de Andrade, João Ribeiro, José Veríssimo, Tristão de Atade e Graça Aranha — um escol honroso, portador de algumas belas mensagens do pensamento.

Com esta selecção, prefácio e notas, José Osório de Oliveira prestou ao património literário do Brasil mais uma esmerada contribuição para a divulgação e compreensão de duas correntes literárias — a portuguesa e a brasileira — com as suas directrizes particulares.



**CARLOS  
DESÁ  
CARDOSO**

É engenheiro civil o autor do livro que temos presente — «Política de amanhã», uma edição da Marítimo-Colonial. Evidentemente, nesta simples referência não cabe uma opinião crítica à obra de um jovem autor que traz para este livro algumas idéias originais — sem deixar de estar atento ao são exemplo da disciplina, da honra e da bravura, colhido na convivência com seu pai, o sr. general Sá Cardoso.

Hoje que em todo o mundo se faz o revisão de estatutos e o balanço dos proventos e desproventos recolhidos na experiência do anteguerra, o livro de Carlos Sá Cardoso, lúcido e límpido como um reflexo de nobre e pura aspiração de um mundo melhor — merece um atento estudo, uma serena leitura, principalmente pelo que nos revela de espírito de justiça social.

sem lhe chamarmos «brilhantes», nem «eminentes», nem «talentosos» — que é... Ramada Curto. O público, que tem visto, as suas peças e lido os seus livros, já sabe o que isto quer dizer; e como é para o público que escrevemos, parece-nos suficiente e elucidativo garantir-lhe: em nenhum dos seus outros trabalhos Ramada Curto é tão parecido com Ramada Curto, como neste seu «Do Diário de José Maria». E logo isso se nota na frase final da nota que pôs nesta segunda edição, a rectificar a paternidade do pensamento de Guyan com que abre o livro, «L'art c'est de la tendresse», e que por lapsos apareceu na primeira edição atribuído a Lafargue. Depois de referir o engano havido, o autor termina: «Ainda bem que a crítica não reparou...».

A crítica, a estas horas, já se enfureceu com mais esta pública prova da sua própria incompetência — mas o autor é que soube encontrar nela mais um motivo para mostrar o seu belo espírito crítico. Todo o volume, sem desmentir o pensamento francês que traz na fachada, é, no fundo, um cântico à Beleza; não talvez àquela com que topamos, mas por certo, àquela pura Beleza que deveríamos encontrar nos caminhos da vida, e que dêles anda tão arredia. A edição é da «Vida Mundial Editora».

«**S**OLTEIRA e Só» — assim se intitula o último livro de Joaquim Mota Júnior, um dos mais jovens dos nossos novos prosadores e que, com este romance, marca um lugar destacado entre os prosadores da geração actual. De facto, «Solteira e Só» — mais de trezentas páginas de leitura cerrada — revela já um escritor senhor de técnica plena e de expressão e estilo amadurecidos por um estudo consciencioso. Não estamos em frente de um livro bonito; estamos em presença de algumas figuras humanas a agitar-se na penumbra de que Mota Júnior as quis cercar, lá em baixo, nos degraus médios da vida, com um mundo de sofrimentos a acachapá-los sempre mais. Neste ponto, o romance de Mota Júnior pode considerar-se impressionante: não desenhos das figuras, desde a sua Xilena ao Barbelas, ao Quincas, à Marlana — a todos, figuras de fundo e grande plano que se movem no seu quadro de acção. «Solteira e Só», que traz uma capa delicada de A. Duarte de Almeida, é editado pela Editorial Enciclopédia, vai, com certeza, constituir um grande êxito de interesse público.

**FACA DE PAPEL**

\* «Ivanhoé», numa versão simples, bem feita para a aptidão infantil, é o novo volumezinho da «Colecção Pinóquio», dirigida pelo sr. Henrique Marques Júnior. Para o célebre romance de Walter Scott, ninguém melhor do que Henrique Marques Júnior faria uma adaptação simples, clara e compreensível — mesmo que, a desbravar-lhe o caminho, tivesse na frente M.<sup>me</sup> Latappy. Por tudo isso e, porque, enfim, este pequeno volume segue na senda de outros trabalhos anteriores, para divulgação de obras consagradas, muito nos agradou a leitura deste pequenino livro.

\* Da autoria do sr. capitão-tenente António Marques Esparteiro, apareceu recentemente o livro intitulado «Arte de Velejar». Trata-se de um volume de grande formato, da Editora Marítimo-Colonial. Livro de carácter técnico, profusamente ilustrado e repleto de fórmulas da especialidade, «A arte de velejar» é indispensável na estante de todos aqueles que se dedicarem, por «sport» ou por necessidade, à arte de navegar à vela.

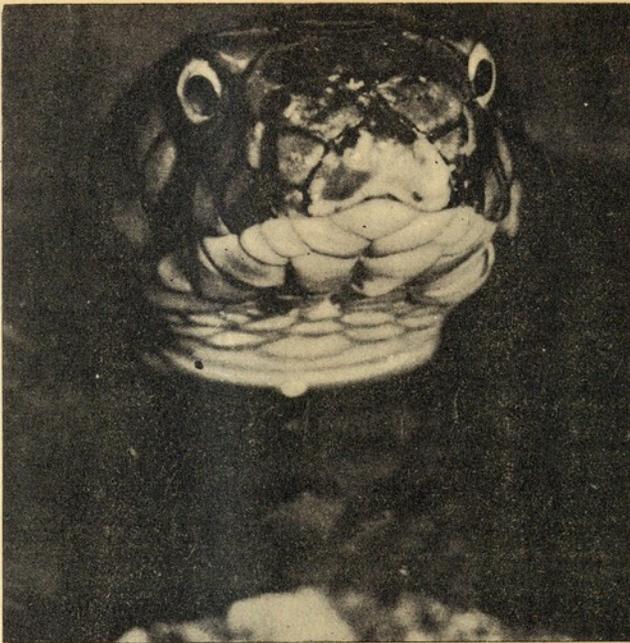
\* Quem, há anos, acompanhou a polémica entre os drs. António Sérgio e Abel Salazar sobre a Escola de Viena, vai, com certeza, interessar-se pelo novo trabalho do dr. Egidio Namorado — «A Escola de Viena» — e que é uma síntese curiosa do que foi essa discutida polémica. A este trabalho voltaremos a referir-nos.

\* Fausto Duarte escreveu outro romance colonial, «A Revolta». Quem leu «Aná» sabe com o que pode contar deste autor, quer como beleza literária

ria, quer como arquitectura do romance. O drama do autor e a sua revolta são fruto de circunstâncias especiais, com as quais o leitor nada tem, mas que logo no seu primeiro livro ficou assinalado no sádico prazer com que criou uma personagem de raça branca — uma mulher — unicamente para a aviltar em poucas linhas, num quadro de sensualidade em que ela se entrega a um negro boçal, que é seu criado.

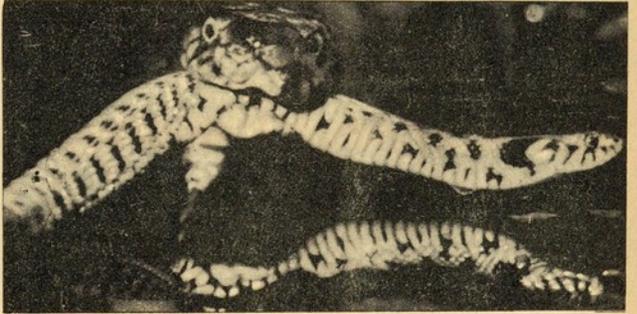
Neste seu novo trabalho encontramos o mesmo Fausto Duarte, que, parece, tanto se compraz em aviltar o europeu perante a cubata e a catina. No entanto, não cabe nesta apresada referência uma crítica ao livro: o público que o compre e que o julgue.

\* O número 7 da «Biblioteca de Ensaios», de Fidelino de Figueiredo, intitula-se «Cultura Intervalar». Diz o autor, em advertência inicial: «não chega a ser um ensaio, na rigorosa acepção literária do termo, o presente livrinho. É só um conjunto de notas, não muito conexas, à margem de observações e leituras feitas pelo autor, em meio de muitos trabalhos, no seu distante eremitério de São Paulo — aquela boa terra, áspere e aliciente, que é um paradoxo climático e moral do trópico». O volume vem dividido em nove capítulos, que são outras tantas jóias do espírito de Fidelino de Figueiredo, sobejamente conhecido e apreciado, e que por isso mesmo não carece de qualquer adjectivo. É uma edição elegante e cuidada da «Editorial Nobels».



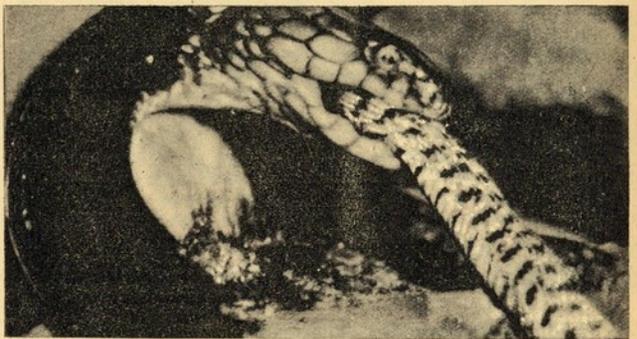
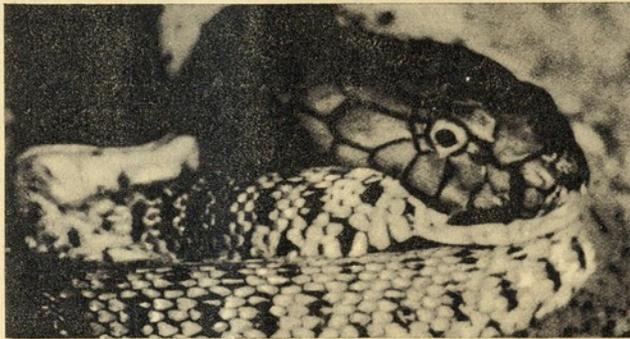
# O PEQUENO ALMOÇO-DA CÓBRA-REI

**NO SEU MINÚSCULO CÉREBRO SÓ EXISTE  
O IMPULSO MATAR PARA COMER**



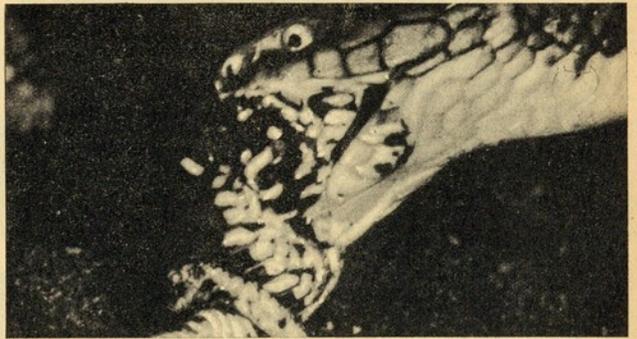
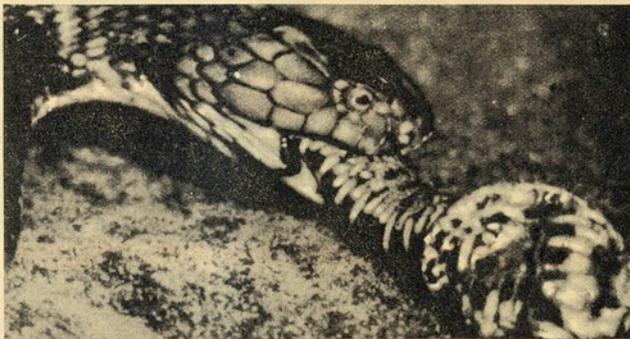
*Acordou, depois de algumas horas de sono e o corpo pede-lhe o almoço... Tão perigosa como o periscopio de um submarino, a sua cabeça emergiu da água. Acabou de ver uma víbora.*

*A cabeça lançou-se para a frente e as suas presas caçaram a víbora. Agora, vamos lá, é preciso fazer um pouco de ginástica, mas nisso não há perigo...*



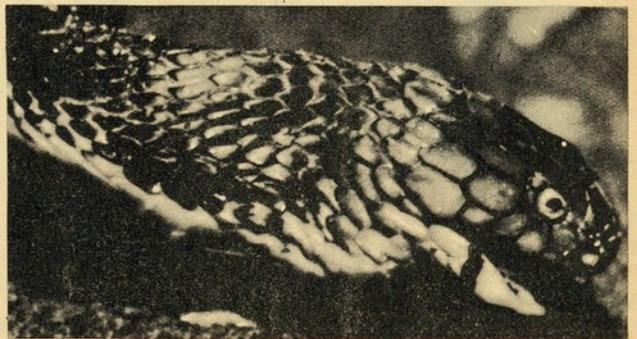
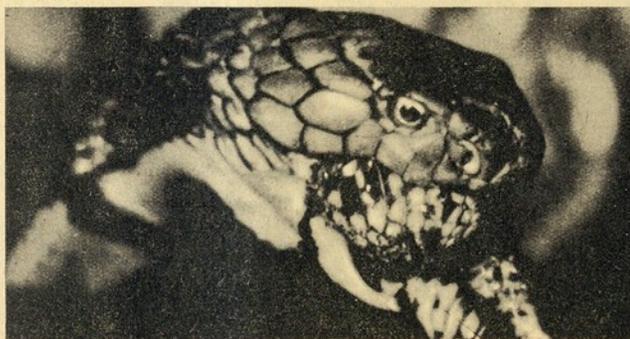
*A vítima debate-se durante uns segundos, mas morre com a terrível mordedura. E é o seu cadáver que vai servir de repasto...*

*A «cobra-rei» inicia a sua refeição engolindo a cabeça da víbora, naturalmente, porque aprecia os miolos...*



*Agora, porém, é que parece que surgiu o nó gordião — que não é a conta... As guelras expandem-se para engolir o nó do corpo da víbora.*

*Polegada a polegada, a víbora desaparece. E, pelos modos, não é nada género bife de sola com batatas...*



*A orgia de ferocidade, que apenas durou uns minutos, está a terminar. E, com os demónios, num tempo destes, tal banquete não é de desprezar!*

*Ei-la de novo pronta para uma soneca, ainda com a víbora dilatando-lhe o corpo. Sua excelência comeu tanto neste pequeno almoço que ninguém adivinha até onde irá logo o jantar...*

## A TRAVESSIA DO RENO FOI PREPARADA E ENSAIADA SÔBRE O MISSISSIPI DURANTE SEIS MESES

**D**URANTE dois anos, a América fabricou... Nos últimos seis meses desses dois anos, a América ensaiou... E na noite de 23 para 24 de Março a América atravessou o Reno e as suas tropas marcharam para o coração da Alemanha.

Quantidades incalculáveis de material atravessaram o Atlântico, esperaram nas ilhas britânicas, atravessaram a Mancha, foram transportadas através da França — e esperaram a hora «H» dissimuladas na margem esquerda do Reno.

E quando essa hora chegou, uma imensidade de lanchas e de barcos de toda a ordem, desde os rapidíssimos «out-boards» até às grandes barcaças que desembarcaram tropas nas Filipinas, todo esse material diverso e minucioso, cada espécie para seu objectivo, foi lançado na corrente impetuosa do belo rio alemão. Para os americanos, o que então sucedeu não foi uma surpresa; eles já o tinham feito muito antes, sobre o curso do Mississippi, em grandes manobras secretas; eles já sabiam que venceriam qualquer resistência, especialmente com o apoio anterior da artilharia pesada que massacrava as posições alemãs durante 24 horas consecutivas.

Dois anos de construção... para uma noite de acção militar! No dia seguinte, já nada daquela esquadra fluvial, completíssima e tão diferenciada entre as suas várias unidades, tinha qualquer utilidade: as tropas usavam já as pontes pré-construídas e as de barcaças, e as brigadas de engenharia ultimavam a reparação transitória das pontes que o inimigo dinamitara mas cujos destroços eram fundamentos apropriados para pontes de emergência.

A maior preparação de artilharia; a mais extraordinária e rápida travessia de um grande rio europeu — tudo isso foi ensaiado num grande rio americano, construído na América durante dois anos, para ser aplicado uma só noite.

## A ALEMANHA OCUPADA CASA POR CASA



«A guerra terminou! Toda a Europa abriu os lábios num suspiro de alívio e cerru os olhos à tragédia da véspera. Nunca nenhuma guerra foi tão trágica. Nunca, como a Alemanha, nenhuma outra nação foi tão terrivelmente destruída, casa por casa — e estas fotos bem podem elucidar-nos sobre os factos.

De certas cidades alemãs de hoje, como de outras cidades russas de ontem — pode bem dizer-se que os invasores apenas ocuparam o local onde elas se ergulam, pois nada mais encontraram além de milhares de cadáveres e de ruínas — esse espectáculo horrível e desolador que é sem dúvida o «récord» de tudo o que até hoje o homem conseguiu no capítulo destruição.

**1** Uma rua de Bitburg, uma calma cidade alemã, depois de por lá ter passado a guerra... Alguns sobreviventes procuram o sítio onde se ergulam as suas casas...

**2** É Berlim! Dobrada esta esquina, o que acontecerá? Tudo são ruínas e silêncio; apenas se houve o crepitar dos incêndios e, de quando em quando, rajadas de tiros cerceiros.

**3** Os primeiros dois soldados afoitaram-se a dobrar a esquina... Logo outros os seguirão.

**4** Não... Entre aqueles destroços já nada há, senão destroços. Mas, noutros, para lá da próxima esquina, será também assim?...



## DUAS EXPOSIÇÕES EM PARIS

**N**ATURALMENTE, vem ainda longe o dia da paz — não daquela que será assinada com o cessar do troar dos canhões, mas dessa outra que desce ao espírito e deixa os homens entregar-se à construção do seu progresso e da sua felicidade. Entretanto, as coisas do espírito vão retomando o seu lugar na preocupação dos homens: aqui estão duas das mais recentes exposições realizadas em Paris: uma de soldados pintores americanos, realizada no Museu Galliera, outra de desenhos e aguarelas executados por crianças, e que foi inaugurada pelo sr. Guignebert, director da Rádio Francesa.

## EDUARDO HERRIOT — UM HOMEM DE QUEM PODE VIR A FALAR-SE



Uma das mais recentes fotos de Herriot



Herriot e o falecido Poincaré, que foi ministro da Guerra durante o outro conflito, eram socialistas



Herriot e MacDonald — o velho trabalhista inglês — dois símbolos da aproximação franco-britânica.



Em Junho — no dia 1 — no Palácio do Quai d'Orsay, como Primeiro Ministro. A seu lado, Leon Blum e Poincaré.



Uma foto com Chamberlain, na altura em que era ministro da Saúde — 1924

**H**ERRIOT, que fora dado por morto e que, afinal, estava, simplesmente, prisioneiro dos alemães, depois de ter sido detido pelos homens de Vichy — acaba de ser libertado pelas tropas aliadas. Este friso de fotografias é curioso, porque nos apresenta algumas fases da vida desse homem, profundamente patriota, defensor da aproximação com a Inglaterra e com a Rússia — a política de De Gaulle — e que, se tivesse tido a força de impor a sua opinião ao povo e aos dirigentes franceses, outros teriam sido os designios da França. Eduardo Herriot conta hoje 73 anos e desde 1912 que faz política — sem deixar de ser professor do ensino secundário. Radical-socialista, foi «maire» de Lyon, senador e deputado, presidente do grupo parlamentar e presidente da Câmara, quando em 1940 rebentou a guerra. Foi ele, como delegado da França, quem iliquidou o caso das reparações de guerra, na Conferência de Lausana.

E foi Eduardo Herriot quem preparou a assinatura do pacto franco-soviético e, ainda, quem primeiro advogou a formação de uma confederação europeia. Finalmente, esse homem de 73 anos, que foi chefe de Governo e que sempre mostrou uma anglofilia à prova de todas as vicissitudes — foi, também, o homem que, com o colapso da França, advogou o prosseguimento da luta no Norte de África.



UNCA tínhamos visto Carmen Dolores sem ser no «écran». Encontrámo-la no ambiente suavemente burguês da sua saleta, dentro de um vestido simples, com os cabelos soltos e o seu arzinho de filha-família sem ingenuidades ridículas e sem ousadias modernas. Reconhecemos a artista do celuloide, mas reparamos logo que era muito

mais bonita do que aparece nos filmes. E a nossa primeira pergunta foi esta:

— Como explica você ser mais bonita pessoalmente que no «écran»? Falta de fotogenia ou dos «maquilleurs»?...

— Creio que nem uma coisa nem outra. Não sei exactamente a que atribuir o que diz, nem sequer se o que diz é verdade...

— E absolutamente verdade.

— Então, deve tratar-se da disposição da luz...

— Incompetência dos técnicos?

Carmen Dolores quasi saltou no sofá:

— Eu não disse isso!

— Pronto... Também eu não direi, esteja descansada... Como foi parar ao cinema?

— António Lopes Ribeiro convidou-me para fazer a «Teresa» do «Amor de Perdição»...

Reparámos que estávamos a fazê-la repetir aquilo que tem dito centenas de vezes, a centenas de jornalistas, para centenas de publicações. Por isso, interrompemos a nossa entrevistada, procurando orientar a conversa para assuntos inéditos sobre os quais estávamos superficialmente esclarecidos:

— Gosta de teatro?

— Muíto.

— Já se exibiu num palco?

— Não...

— Falta de oportunidade?

— Não...

Carmen Dolores, com estes dois monossilabos tristes, advertiu-nos de que o assunto não era de sua predilecção. Por curiosidade e por dever profissional, insistimos:



## QUEM CONHECE O MISTÉRIO DE **Carmen DOLORES**

— Então, já teve essa oportunidade e recusou-a?

— Exactamente... Sabe? Gostei de fazer o meu papel no filme do Brum do Canto...

— Perdão, mas estávamos a falar de teatro...

— Perdão, mas sou artista de cinema...

— O que não quer dizer que a Amélia Rey Colaço a não tenha convidado para actuar no palco do Nacional, no «Frei Luiz de Sousa»...

Ela fez-se admirada, mas faltou-lhe serenidade para negar. Nós insistimos:

— Não é verdade?

— É...

— Pode saber-se porque não aceitou?

— Não pode...

— E não é igualmente verdade que o Lopes Ribeiro pensa em você para ser «A Dama das Camélias», no Trindade?...

— O senhor é jornalista ou polícia? Como sabe tudo isso?

— É mentira?

— Não...

— E pode dizer-me porque não quis interpretar, no palco, a personalidade encantadora de Margarida Gauthier?

— Eu não lhe disse que não quis...

— Julguei ter ouvido...

— Mas enganou-se!... E se falássemos de cinema?...

— E se me respondesse?...

Carmen Dolores riu-se, nós rimo-nos também. Continuámos a perguntar e ela continuou a não responder. Quasi no fim daquele «match» nulo — decisão desairosa para nós... — propusemos:

— Diga-nos, ao menos, se esse contrassenso aparente de gostar de teatro e de fugir do teatro, obedece a alguma razão de ordem pessoal...

— Também não posso dizer. E daí, talvez não seja mais que o complemento de outro contrassenso: sabe que quando fui para o cinema, eu detestava o cinema?

— Gosta de se contrariar, pelo visto. Isso é o caminho da virtude... Mas, sem explicar porquê, compromete o jornalista...

— Mas, não posso explicar. Não sei porque gosto de teatro, tal como não sei porque não gostava de cinema...

— E agora, já gosta de cinema?

— Aceito-o melhor. Mas vou raramente ver um filme... Não é coisa que me interesse por aí além...

Verdadeiramente, Carmen Dolores pareceu-nos desconcertante. Olhámo-la, na desconfiança de que estivesse a brincar connosco: mas não, toda a sua pessoa respirava sinceridade e franqueza, a par de uma determinação assente. Ora as mulheres, quando lhes dá para teimar, há que não as contrariar...

Por isso passámos a ver a sua colecção de fotografias, embora com o pensamento no mistério desta artista de cinema que não gosta de cinema, desta rapariga que gosta de teatro e não quer fazer teatro!

Pedimos desculpa aos nossos leitores de não poder informá-los quanto ao mistério da linda Carmen — e desde já agradecemos a todos que saibam algo que com esse mistério possa relacionar-se o favor de nos escreverem, para assim terminarmos a nossa luta com a artista, que, desta vez, temos que confessá-lo amargamente, nos derrotou em toda a linha com a graciosa obstinação do seu silêncio.

M. L.

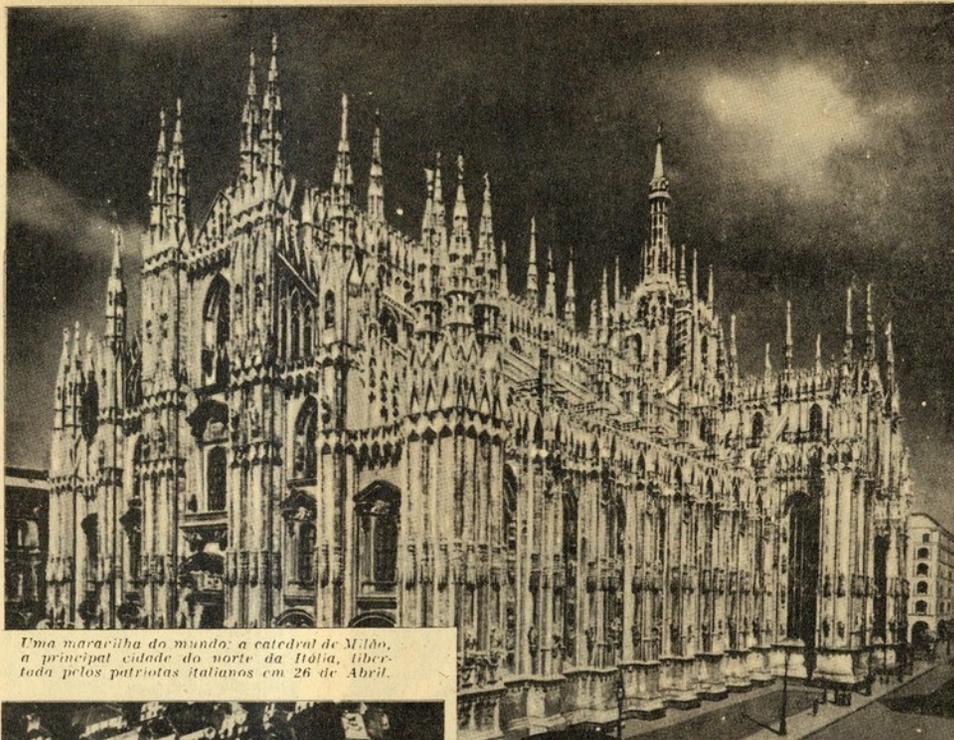
POR DIFICULDADES TIPOGRÁFICAS IMPOSSÍVEIS DE VENCER DE MOMENTO, O 2.º NÚMERO DE

# DETECTIVE

PREÇO  
150  
OSTENSIVO

REALIZAÇÃO LITERÁRIA DE REPÓRTER MISTÉRIO

SÓ SAIRÁ NA PRÓXIMA SEMANA



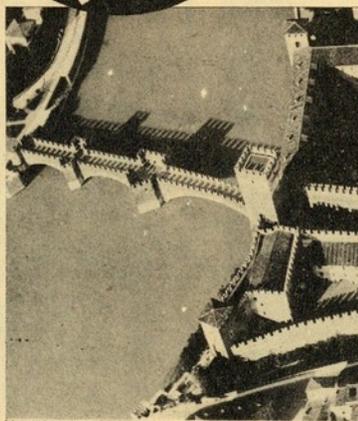
Uma maravilha do mundo: a catedral de Milão, a principal cidade do norte da Itália, libertada pelos patriotas italianos em 26 de Abril.



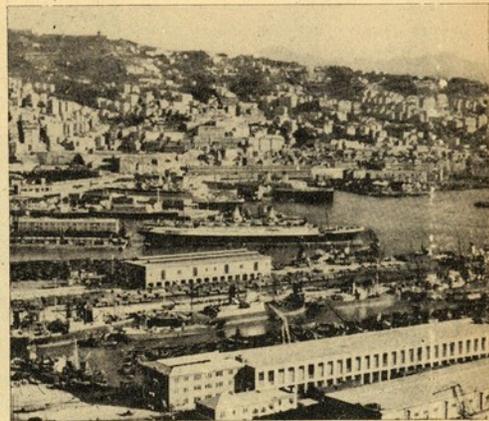
Um aspecto, visto do ar, da cidade de Turim, libertada pelos seus cidadãos em 26 de Abril.

**UMA  
FRENTE  
QUE SE  
FECHOU**

## A ITÁLIA MILENÁRIA JÁ NÃO ESTÁ EM GUERRA PORQUE OS PATRIOTAS O QUIZERAM



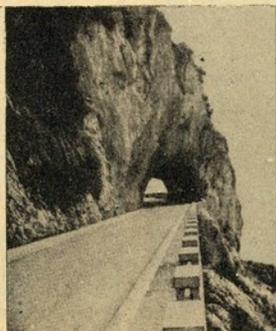
Vista aérea dum aspecto da fortaleza de Verona com a ponte, de construção medieval, por onde as tropas do 5.º exército americano transpuseram o Adige em 26 de Abril, conquistando a cidade.



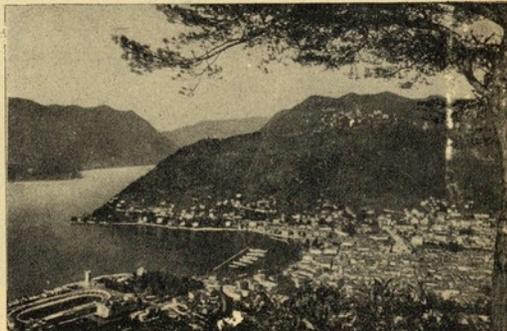
Vista de Gênova, segundo porto do Mediterrâneo, libertada pelos patriotas italianos, em 26 de Abril.



O Pó, nas proximidades de Ferrara, onde as tropas do 8.º exército britânico fizeram a primeira travessia deste rio, o maior da Itália, lançando-se ao ataque final que levou os exércitos alemães à derrota.



Um aspecto pitoresco da estrada de Trieste a Monfalcone, onde os tropas neozelandesas ficaram a junção com as forças do marechal Tito.



A cidade de Como, sobre o lago do mesmo nome, perto da fronteira italiana com a Suíça. Nesta região, Mussolini foi preso.

**N**ÃO há comparação para as posições da França recalçada e sempre revoltada contra o jugo do inimigo ocupante — e a Itália vencida, a lutar, de repente, contra o ocupante, seu amigo da véspera. Todavia é preciso trazer para primeiro plano da política aliada, a atitude dos patriotas italianos que, quasi como os franceses, libertaram com os seus próprios recursos, uma das mais ricas zonas do norte da Itália — a região do Pó, que é a parte mais industrializada do país.

É nesta fértil e laboriosa zona cultivada que se erguem as grandes e infinitas chaminés das fábricas de motores de automóveis, dos produtos químicos, das especialidades farmacêuticas, dos tecidos de seda, lã e algodão, dos instrumentos de precisão e óptica. Depois, o norte é também uma das mais belas zonas de turismo: os Alpes com mais de quatro mil metros, os lagos pitorescos, as cidades de características medievais e, sobretudo, Veneza.

Foi esta a região que se sublevoou, nos últimos dias do mês passado. Rádio Turim e Rádio Milão logo tomadas nas primeiras horas, deram o alarme e, com ele, instruções aos patriotas organizados em núcleos. E, então, ao som dos sinos e das esmeraldas das fábricas viu-se que o povo se reuniu — para lutar num corpo-a-corpo que parecia mirar-se sobre a toalha poética das águas do lago de Como.

Depressa os pontos estratégicos da fronteira da Suíça, numa extensão superior a 75 quilómetros, foram ocupados pelos patriotas — gente que se insurgiu contra o ocupante alemão e, ainda, contra o resto de homens do partido republicano fascista, cortando a todos a retirada em forma.

(Continua na pág. 16)

# A ITÁLIA MILENÁRIA

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 15)

Entretanto, o grande centro industrial de Milão, com os seus dois milhões de habitantes, Turim, segunda cidade industrial de Itália, Génova, segundo pólo do Mediterrâneo, e Venesa, o mais belo cartaz do turismo internacional — caíam em poder dos patriotas Italianos. Atrás destas outras e numerosas cidades se seguiram: Chiasso, Como, Novara, Varese, Legnano, Vercelli, Savona, Monza, Brescia, Gallarate, Parma, Cremona...

Ao seu encontro, vinham as forças aliadas, que consolidavam as posições e caminhavam sempre mais para o norte, ultrapassando Plave e Isonce — dois rios que evocam a outra guerra.

E foi assim que poucos dias bastaram para libertar, pela força popular, consolidada depois pelas forças do exército aliado, toda a vasta região ocupada ao norte. Foram essas duas forças que puderam impedir a retirada de um milhão de homens — a melhor parte do exército alemão de ocupação — para a região dos Alpes, donde deveriam depois passar em socorro de outras frentes de batalha.

Sob o céu de Itália, a guerra tinha acabado ao meio-dia do dia 2 de Maio de 1945...

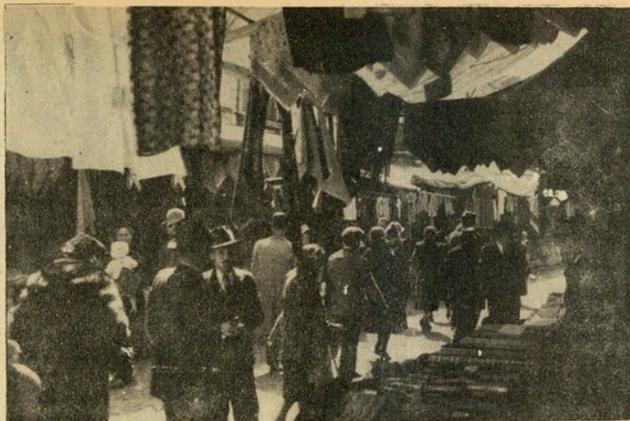
Depois da derrota militar e moral de Setembro de 1943, era lógico duvidar desta reacção italiana. De certo, o acordar foi muito penoso — mas foi também tão pronto quanto era humano que o fosse. Ainda assim, ano e meio depois, os Italianos — povo de artistas e não povo guerreiro ou belicoso — puderam dar a sua melhor prova de heroísmo e sair desta guerra com o prestígio da sua moral redimida e a energia do seu espírito refeita e comprovada.

Há um século, repartida em pequenos Estados, sob a tirania de príncipes opressores, esmagada pela soldadesca estrangeira, sufocada num regime de inquisição e de terror, a Itália insurgia-se, pagando com o seu sangue e duros sacrifícios a própria independência e unificação.

Em 1848, Milão libertava-se, por si própria, depois de cinco dias de combate; Brescia seguia-lhe as pegadas, depois de dez dias de luta de barricadas — e, com elas, outras cidades rompiam hostilidades, enquanto Venesa caía de fome, de cansaço e de epidemias, depois de dois meses e meio de cerco. E é um século depois, justamente, que os filhos desse norte destruído voltam a fôlha da história e lhe copiam o exemplo. Nestes dois anos, muitos decerto, perderam a vida, foram abatidos em combate de rua ou fusilados, sem processo legal. Mas, acima de tudo, era preciso dar prestígio à Itália, sair desta guerra com algum penhor do seu esforço — e os Italianos não negaram à pátria o sacrifício.

Veio, depois, com a vitória, o delírio da vingança? Algumas vezes o povo, recalçado, há-de ter-se excedido a si próprio em actos violentos.

Pela vida da Itália, um dos centros da cultura europeia, é preciso esquecer a guerra e pensar na conquista da paz...



As batas, os lenços, as chitas, tudo o que aqui apparece é distintamente português. Mais ainda: podemos até dizer: é retintamente alfacinha. Foi apañado ali em cima na Feira da Ladra. E, no entanto, não é assim... Esta foto foi tirada em Bucarest...

Quem o diria? E ainda há quem fale no estruturalmente «nacional»...



Olhando este paraquedista, o leitor é capaz de dizer se se trata de:

Paavo Nurmi  
Von Gramm  
Ernest Udet  
Max Schmelling  
Nuvolari  
Caracciola.

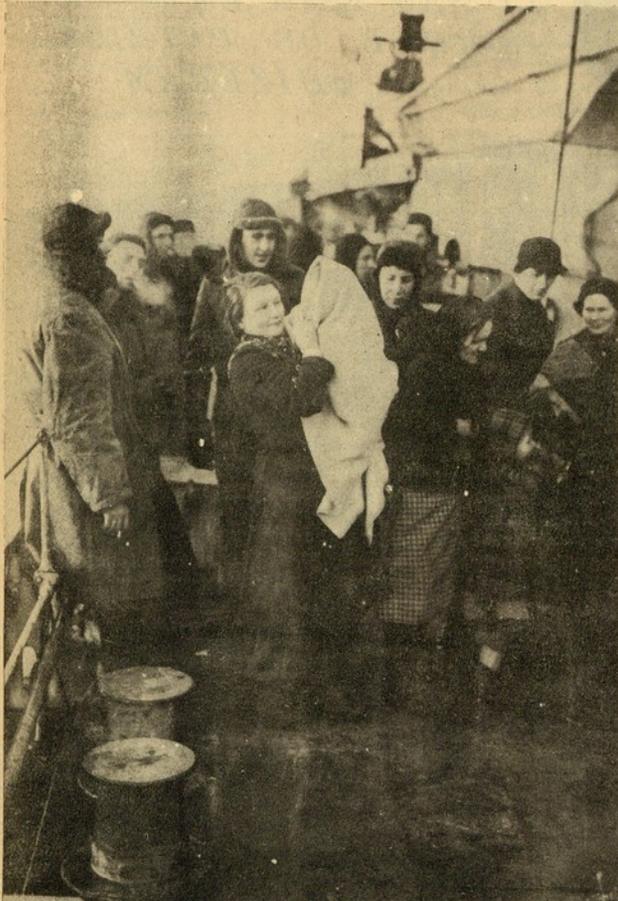


Figurinos  
reza  
**MODAS**  
E BORDADOS

Os portugueses são os que mais se lavam? **Sim!**

180\$00  
COM ENBALAGEM E PORTE PAGOS

**CASA LYRA**  
ROSSIO, 93 • LISBOA



De vez em quando, os ingleses fazem umas «vistinhas» aos «fiords» da Noruega. Ainda há pouco, foram a uma pequena ilha a sessenta milhas da costa inglesa e «raptaram» 250 noruegueses — quasi todos mulheres e crianças que, pelos modos, ou pelo que disseram, não estavam muito contentes com os ocupantes de Allen Galten. Aqui vemos os «raptados» a bordo do «destroyer» que os levou, depois, a porto de salvação na Inglaterra.

## A ELECTROTÉCNICA BATISTA, SANTOS & C.A, L.DA

Rua da Glória, 29-37 — LISBOA — Telef. P.B.X. 2 9531



Esta bem conhecida firma abriu recentemente a sua nova séde nestas amplas e modernas instalações, dispondo do mais variado sortido de artigos e material eléctricos para uso industrial e particular

**CANDEIROS DE TETO E DE MESA • CABOS ARMADOS • N. B. V. E VULCANISADOS • FIOS FLEXIVEIS, VULCANISADOS E DE CHUMBO • ARTIGOS DE T. S. F. •**

**A ELECTROTÉCNICA**  
BATISTA, SANTOS & C.A, LDA.

ESTABELECIMENTOS E ESCRITÓRIO    ARMAZENS E OFICINAS  
Rua da Glória, 29-37 — Lisboa    Rua da Glória, 6



Greta Garbo, esta por Júlio de Sousa

## UMA EXPOSIÇÃO DE JÚLIO DE SOUSA

**N**O Secretariado, já acabou a última exposição de Júlio de Sousa — dois apontamentos a óleo, um dos quais delicadíssimo, duas ou três dezenas de bonecos de barro e de trapo e, ainda, meia dúzia de trabalhos sérios em escultura, definitivos para a valorização do artista.

Naturalmente, o imprevisto, o que há de mais curioso e mais acessível na obra de Júlio de Sousa está condensado nos seus bonecos modelados em trapos e em barro. Mas essas coisas de subtil ironia e flagrante parecença estão votadas ao fatalismo do tempo e hão-de desbotar e envelhecer como a juventude e a beleza das mulheres... E, então, é preciso voltarmo-nos, nós, o público e até aqueles que têm obrigação de estimular os artistas do seu tempo, guardando-lhes em museus as provas do seu valor — para a parte séria de Júlio de Sousa: a sua escultura, o seu poder de plasticizador. Nesta última exposição, o autor de tanta miniatura irónica ergueu-se até às outras expressões da alma humana: e aí estão «Desejo», obra fremente, e «Sóror da Saúdade», obra repassada de sofrimento e placidez estoica, como deve ter sido a alma de Florbela Espanca, à memória da qual é oferecida a escultura.

## PAZ NA EUROPA

Lisboa — o País inteiro! — viveu horas e dias de inexcelsível alegria: tinha clareado a paz nesta Europa combalida e trágicamente esfacelada! Disciplinada, tóda a cidade viveu a alegria de milhões de seres que, por êsse mundo fora, deliraram com a boa-nova. «Vida Mundial Ilustrada» publicará, no próximo número, uma reportagem gráfica do que foi o Armistício em 1918 e alguns flagrantes aspectos do que foram as manifestações nacionais na celebração do Dia VE



Recentemente, o sr. dr. José de Matos Correia foi nomeado inspector-chefe do Conselho Técnico Corporativo. Por êsse motivo, os finalistas do Curso Superior de Ciências Económicas e Financeiras promoveram aquêlle illustre professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, uma homenagem, que foi presidida pelo prof. Beirão da Veiga.



Como nos anos anteriores, os funcionários e gerentes do Banco Pinto & Sotto Mayor reuniram-se, há dias, num almoço, para festejar o aniversário da fundação daquele importante estabelecimento. A reunião foi presidida pelo sr. dr. Manuel Barbosa, sendo oferecidos relógios de ouro a seis empregados que atingiram 25 anos de trabalho naquela casa.



Agora que faz cem anos que Oliveira Martins nasceu, a sua figura foi recordada e cultuada na Academia das Ciências, numa sessão a que presidiu o sr. general Carmona. Para falar do insigne pensador, usaram da palavra três académicos ilustres: os professores Rui Utrich e Queiroz Velloso e, ainda, o sr. dr. Júlio Dantas.



No Museu do Jardim-Escola João de Deus, continuam a realizar-se com enorme interesse e larga concorrência, as tardes culturais promovidas pela direcção daquele prestigioso centro de ensino. A última conferência foi feita pelo prof. Vitorino Nemésio, que falou de Cesário Verde, tendo Assis Pacheco — que se vê na foto — dito versos daquele grande poeta. No próximo sábado, 12, João de Barros falará de Eugénio de Castro.



Os lugres bacalhoeiros deram o seu adeus a Portugal e dirigiram-se para a Terra Nova. Como se faz desde há anos, houve uma cerimónia tocante, para bênção dos barcos e condecoração dos pescadores que tivessem mais de 30 viagens. Aqui damos alguns desses homens, um aspecto da missa campal em Belém, os barcos embandeirados no Tejo e o sr. general Carmona a condecorar um dos pescadores.

# JOSÉ FERNANDES CAVADOR-CANTOR

(Continuação da pág. 20)

gente do sítio, que José Fernandes, conturbado até às lágrimas, ajoelhou aos pés do prior da freguesia — simpático velhinho a arrastar as pernas trôpegas, mas que nunca se negam a levá-lo onde a sua presença fôr solicitada — para unir o seu destino ao de «Maria Bela», ali ajoelhada ao seu lado, e, como ele, com os olhos rasos de pranto...

Quantas! Quantas vezes ela antevira aquêle dia, quando êle, de regresso da faina, lhe cantava ainda lá ao longe:

Maria Bela,  
Já que a tua não saís,  
Maria Bela  
Vem ouvir os meus ais...

Lá estão... Lá estão, para sempre unidos, felicíssimos na sua modéstia, sem outra ambição que a de ganhar o suficiente para viver e — podendo ser — amealhar uns patacos para a velhice, porque isto da faina do campo estafa depressa uma pessoa, e quando os braços começam a negar-se já não há quem nos queira...

Felicidades, José Fernandes! E cá ficamos à espera de uma nova canção...

Já percebebeste, não é verdade? Já calculas à qual nos referimos...

E olha que não te faltam rimas por aí: milho... quartilho...

Como?... Sarilho?...

Tens razão! Mas que lhe há-de fazer?...

É a lei da vida, meu rapaz!...

JOSE DE OLIVEIRA COSME

## NÃO SE BRINCA COM A ETIQUETA!

(Continuação da pág. 2.)

palavra «Lady» o seu nome próprio ou o seu apelido, indiferentemente, mas em caso nenhum os dois. Assim, Irene Algernon, será chamada Lady Irene, ou Lady Algernon. Mas se o seu marido é de uma casta superior à da sua nobreza, ela deverá ser tratada obrigatoriamente, e exclusivamente, pelo apelido da família do marido: Lady Chester.

E a brochura termina:  
«Oficiais norte-americanos em comissão em Inglaterra: atenção!».



## JOÃO FALCATO

(Continuação da pág. 7.)

férias grandes, materializei desejos legítimos de nos conhecermos — eu e esse mar que da minha aldeia, encravada na terra, nunca avistara. Continuando o meu curso na Faculdade, fui tirando a cédula de piloto — e quando as férias chegaram, estava tripulante do «Melo», em viagem para a Argentina.

— E, dada a diferença de educação, sua e a dos seus companheiros de bordo, tornou-se essa viagem «maçadora»?

— A viagem redundou na mais dolorosa tragédia da minha mercante portuguesa no actual «conflito». Mãos criminosas deitaram fogo ao «Melo» e roubaram a vida a 15 companheiros, apanhados traiçoeiramente no seu duro pósto de trabalho. E de todos os companheiros de bordo conservo as mais gratas e saudosas recordações.

Continuando, interrogámos:  
— Quando partiu levava já em mente a elaboração de um livro da viagem?

— Não. Nunca pensei em escrever este livro. Lembra-me que a desgraça tinha tocado já duramente as viúvas, os órfãos e as mães, e não queria avivar essa dor. Mas o sacrifício inútil e criminoso dos meus camaradas impunha-me que escrevesse a sua história — que é um grito de humana solidariedade. E em Coimbra, instigado por um grupo de amigos, resolvi contar o que vi. Assim apareceu o «Fogo no Mar».

Era natural que lhe perguntássemos, dado o êxito que o seu livro teve, se continuava a escrever. E quando lho perguntamos, Falcato timidamente responde:

— Sim: estou a trabalhar num livro de contos. A vida do trabalhador do Alentejo, donde sou nado e criado. Entretanto, acabarei o meu curso e voltarei, como já fiz, a procurar novos horizontes, novas terras, novos motivos. A guerra não me deixa materializar o sonho de visitar a Escandinávia, mas conto aproveitar o tempo: estou de abalada para a América do Norte, para ver como vive em plena guerra uma nação de homens livres.

E, por fim, fomos tentados de saber a opinião de Falcato sobre o panorama actual da nossa literatura. Agora, porém, Falcato entusiasmado confiou-nos:

— Julgo que estamos no início florescente de uma nova época da história da nossa literatura. Há já escritores, novos na idade, sobretudo, que se impõem, que criaram o seu público. Nomes ao acaso: Redol, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira e, no conto, Miguel Torga, que me deslumbrava.

Lá fora, no Chiado, um caudal humano passa. Cada ser com sua vida, seu drama, suas dores, suas alegrias. Figuras que esperam o artista que as saiba estudar e descrever. Saímos do café — e entramos na multidão...

MANUEL DE OLIVEIRA

## Espiões de guerra

(Continuação da pág. 4.)

o dom de adivinhar, visto que só assim poderia saber-se se determinado anúncio continha ou não uma informação militar, disfarçada na sua banal redacção.

Como procedemos para ultrapassar as dificuldades, não posso dizê-lo, pois isso se refere a métodos que devem continuar secretos, mas, a título de exemplo, dou um caso típico de anúncio banal que deciframos, e que dizia assim:

«João a Berta. — O tio de Londres virá a Paris em 16 do corrente. Vê se estás nos Inválidos às três horas, ou na Ópera, à noite. A mãe recebeu todas as tuas encomendas, pede-te que não faltes ao encontro, e que tragas as tuas novas amigas da pensão».

Ora, a significação d'êste inocente anúncio é a seguinte:

«Para Jaeger, de Berne. — O rei de Inglaterra virá a Paris em 16 do corrente. Visitará os Inválidos às 3 horas e, à noite, irá à Ópera. O último «raid» de aviões foi um êxito. Pedido de não faltar ao acontecimento dos Inválidos nem da Ópera, mas, como convém, de acompanhar em esquadrihas».

Concede-se com facilidade a gravidade de uma tal notícia. E era tanto mais grave quanto era certo que ignorávamos de quem ela partia. O jornal que devia publicar o anúncio tinha-o recebido pelo correio, com o montante em notas do Banco. Portanto, nenhuma pista!

Muito felizmente, o contróle dos pequenos anúncios, recentemente criado, pôde intervir a tempo, e a comunicação não chegou a ser impressa.

Torna-se necessário acrescentar que os directores dos jornais, conscientes da gravidade desta descoberta, foram, a seguir, os primeiros a assinalar aos agentes de contróle todos os textos que, por uma razão qualquer, lhes pareciam suspeitos. Assim foi que os agentes do inimigo desistiram do processo, logo que verificaram a sua inutilidade.

A seguir:

A MÚSICA E A PINTURA AO  
SERVIÇO DA ESPIONAGEM

N.º CONSERVATÓRIO

NÃO SE ESTUDA CINEMA



HUGO

Manuel



CONVERSAR com Hugo Manuel é receber, sem dar por isso, um a autêntica lição sobre os assuntos ligados ao teatro, visto por dentro, na teia complicada dos cenários—e até no aspecto artístico do espetáculo. Novo, viajado e inteligente, este professor do Conservatório que tem ainda cara de aluno, além de saber da sua profissão tem aquele dom especial de apreender rapidamente os assuntos e de os assimilar, constituindo assim uma bagagem espiritual que é raro encontrar-se em gente da sua idade. Entre as suas virtudes, porém, não se conta a pontualidade—pelo menos para com os jornalistas...

Ao cabo de três ou quatro «rendez-vous» falhados, tivemos por isso de ir buscá-lo a casa... Hugo Manuel sorriu, desculpou-se—e acompanhou-nos ao café. Antes que desaparecesse de novo, inquirimos:

— Em que se ocupa actualmente?

— Estou a tratar da edição de um novo livro sobre a minha especialidade.

— Chamar-se-á?

— «Da cenografia à cenotécnica», que, como já viu pelo nome, trata dos assuntos de que me ocupo, pois a cadeira que me está entregue no Conservatório é a de cenotécnica e plástica teatral...

— Plástica teatral?...

— Exactamente... Trata-se do estudo e da explicação das evoluções do Teatro como espectáculo desde os tempos primitivos até à actualidade. É uma coisa inuito curiosa, muito interessante...—e, após uma pausa, como se uma ideia súbitamente lhe houvesse acudido ao cérebro, prosseguiu: — O problema, como facilmente se deduz pelo seu simples enunciado, não é alheio ao papel que o espectáculo teatral desempenha nas sociedades; e, uma vez que tem de estabelecer-se esta premissa, parece-me que tem de começar a encarar-se, sob o ponto de vista

pedagógico, um outro espectáculo: o cinema.

— O nosso Conservatório não tem nenhum curso de cinematografia?

— Ainda não. Esperamos que em breve o problema fique resolvido, como me parece que tem de ser resolvido, e isso embora muito pese àquelas pessoas caturras que detestam o cinema... E sabe porquê? Porque o caso, com o teatro, também foi resolvido sem se ter atenção pelos outros caturras que não gostam de teatro! Quer se goste, quer não, não pode negar-se ao teatro uma influência decisiva na sociedade; sucede, porém, que no nosso tempo não pode deixar de reconhecer-se que grande parte, enorme parte, dessa influência transitou do palco para o «écrans». O cinema é hoje um poderosíssimo instrumento de divulgação, de cultura e de propagação, ao qual tem que dar-se, pelo menos, a mesma atenção que ao teatro se dispensa. Não lhe parece?

— Plenamente de acôrdo... Mas, acha isso viável no nosso Conservatório?

— Acho. As instalações do Conservatório, concluídas as obras em curso, ficam magníficas e inteiramente capazes de comportar todos os trabalhos que lá devem fazer-se. A reforma actualmente em elaboração deve trazer já as primeiras disposições no sentido de, paralelamente ao Teatro, se estudar o Cinema. Ora, é da casa e do espírito que lá mora que isso tudo depende; e a casa é boa, e o espírito esclarecido. Só faltará uma coisa, se faltará...

— O quê?

— Verbas, meu amigo, verbas! Essa grande tragédia nacional que são os dinheiros! Mas é bem possível que quem de direito, com os exemplos lá de fora e com os frutos colhidos por exemplos, esteja agora disposto a não entrar este sector da Arte que, mais que qualquer outro, carece de ser amparado e protegido. É necessário fazer alguma coisa no género do que eu vi no Centro Experimental de Cinematografia, em Roma. Não calcula, que extraordinária organização e que belos resultados! Tudo, absolutamente tudo o que

# UM PROFESSOR COM IDADE DE ALUNO CONVERSOU MEIA HORA CONNOSCO

diz respeito à Sétima-Arte era ali ensinado por professores competentes, e aprendido e praticado por alunos entusiastas. Realização, planificação, fotografia, cenários, tudo isso os alunos aprendiam, na teoria e na prática. E sucedia que, ao terminarem os seus cursos, esses alunos sabiam de Cinema mais que muito cineasta, desses que há pelo mundo fora...

— O cinema estava, então, a ser tratado a sério, em Itália?

— Absolutamente a sério. Mas nem só o Cinema. Com o Teatro passava-se igualmente a mesma coisa, e isto quer da parte das entidades oficiais, quer da parte do público. Se é certo que o ensino e o treino eram minuciosos e eficientes, é igualmente certo que o interesse do público pelos espectáculos se traduzia em constantes êxitos de bilheteira. Verdade seja que se tratava de Teatro com T grande... Lembro-me, por exemplo, de um caso curiosíssimo; passou-se com a récita do final do curso dos alunos da Academia de Arte Dramática, de Roma. Como sabe, estas representações são uma prova de exame de aptidão dos alunos que nela intervêm. Nesse ano, em 1942, representou-se uma peça do teatro italiano primitivo, intitulada «Opera dei Mendicanti». Tudo foi feito pelos alunos da Academia, desde o cenário aos figurinos, intérpretes, ponto e encenação! Até a adaptação, pois o espectáculo, sem traír a sua característica de teatro primitivo, tinha números curiosíssimos de «Jonglerie» e «music-hall». E sabe o que aconteceu? Foi tal o sucesso na noite dessa récita, que os

alunos decidiram repeti-la—e o teatro esteve «à cunha» durante cinco noites sucessivas em que o público pagou caríssimo para ver... uma prova de exame!

Depois de uma pausa, Hugo Manuel sorri, e comenta:

— É claro que, entre nós, as coisas não se passam assim; mas a culpa não é, ou não tem sido, exclusivamente do público... Porque, bem vê: este interesse do público, além do que revela do nível cultural do mesmo, é também devido à confiança geral que há nas organizações do ensino artístico. Imagine que, qualquer aluno que se apresentasse à autoridade municipal da sua área provando qualidades e entusiasmos por determinada Arte, era mandado para a respectiva escola mais próxima, fazer um estágio de três meses, com todas as despesas pagas. Findo esse prazo, era sujeito a um exame; se fosse aprovado, obtinha uma bolsa de estudo até ao final do seu curso! Veja o que isto representa no aproveitamento das mil vocações dispersas, como há em todos os países... É claro que não podemos esperar por uma organização de tal maneira modelar; mas torna-se imperioso começar desde já a criar-se um espírito moderno de ensino.

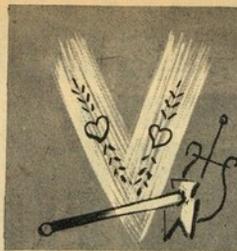
Os olhos de Hugo Manuel caíram sobre o relógio de pulso. Quasi deu um pulo, e despediu-se, apressadamente, desculpando-se:

— Os meus alunos, homem... Já tenho que ir de «táxi»...

E assim se interrompeu a nossa conversa com o professor do Conservatório, rapaz esclarecido e desempoeirado



A saída da capelinha, após a cerimónia... Ainda lhes parece mentira...



Al para três anos, aqui mesmo, nas páginas da «Vida Mundial Ilustrada», registou-se o «nascimento» de um novo cantor da Rádio, trabalhador do campo dado às musas nas escassas horas do seu descanso, e que alguém descobriu, certo dia, durante uma representação de amadores na Sociedade da terra. Surpreendido com o timbre suave e muito equilibrado daquela voz, esse alguém — velho «tu cá, tu lá» com o microfone — logo idealizou revelá-la a todo o país, anteendo o êxito que alcançaria, especialmente nas camadas populares.

E não se enganou! Momentos depois da sua estreia em «Rádio Clube Português», José Fernandes, humilde trabalhador do campo, ainda mal refeito da surpresa provocada por tão súbita mudança de ambiente, era solicitado pelos vários telefones do pósto para aceitar as felicitações de centenas de admiradores — de admiradoras, principalmente, como era natural — e para responder às mais diversas perguntas, entre as quais, e com maior insistência, esta: — «Mas você é mesmo cavador?...».

Era, de facto, Os nodosos calos das suas mãos, provas evidentes do contacto de longos anos com o cabo da enxada, não podia ele exhibi-lo pelo telefone; mas lá estavam, e lá estão ainda, para tirar qualquer dúvida a esse respeito...

Compositor musical e versejador por intuição — não conhece uma nota de música, nem desconfia, sequer, que os versos se fazem por medida... — José Fernandes passou, daí em diante, a colaborar regularmente nas «Emissões Recreativas» do popular Emissor da Faredé, apresentando várias canções da sua autoria, todas simples e modestas, como ele, mas dotadas daquele «tic» especial, impossível de definir, que tem o condão — quem pudera descobri-lo! — de enraizar logo nos ouvidos e na alma da gente do povo!

«A Capelinha»... «Maria Bela»... «O Lavrador»...

Estribilhos que rapidamente se popularizaram e andam hoje na boca de toda a gente!

Há quantos anos o Mucifal, minúscula aldeia ali para as bandas de Colares, ansiava por uma capelinha — pela sua capelinha — para não ter que se deslocar à mais próxima, situada a um bom par de quilómetros... Nos dias bonitos, ainda vá lá... Mas com chuva...

E logo o José Fernandes, aplaudindo e fomentando a iniciativa, exortou os seus conterrâneos:

Trabalhem com vontade  
P'ra a capela,  
Que em pouco tempo teremos  
Uma obra linda e bela!...

Assim mesmo: Linda e bela! Não se lhe modificou uma sílaba, quando do palco acanhado da Sociedade local, a canção transitou para o microfone do «Rádio Clube». Para quê? Se ela nascera assim: espontânea, sincera, de um só jacto! E seria tão fácil ao censor do programa substituir linda por digna... Mas faça o leitor a substituição e verifique a diferença: ganha em gramática mas perde em ingenuidade... E as grandes obras idealizadas e postas em prática pelo povo, sempre foram mais fruto do coração que do cérebro...

O certo é que a capelinha lá está!  
E foi nessa modesta Casa do Senhor, erguida a expensas exclusivas da

(Continua na pág. 18)

## QUANDO A REALIDADE PARECE FANTASIA

# JOSÉ FERNANDES, O POPULAR CAVADOR-CANTOR DA RÁDIO, CASOU COM A "MARIA BELA", NA "CAPELINHA" DA SUA ALDEIA



A capelinha do Mucifal, erguida a expensas do povo, onde se celebrou o casamento do poeta-cavador.



Aos pés do velho prior, Maria Bela e José Fernandes namoram para sempre os seus destinos...



«Maria Bela... Já que à rua não saís...»



A petizada, ansiosa, aguarda a tradicional distribuição de confeitos...



Eis o ninho do jovem casal. Quando passarem por lá, batam ao ferrolho... Serão sempre bem aparecidos!



Até que enfim!... Sós?... Ainda não! Anda muito indiscreto cá por baixo, incluindo o fotógrafo...

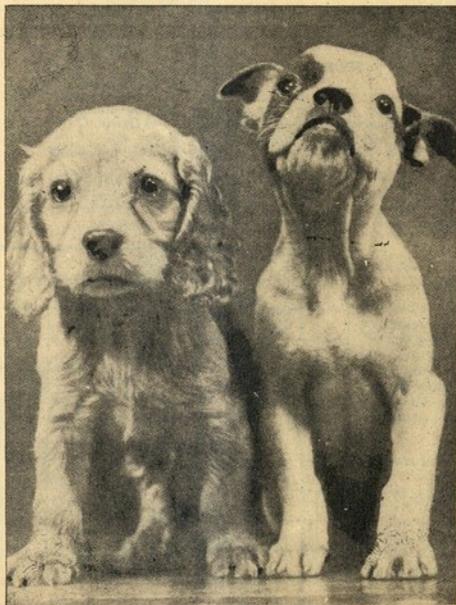


## O FRUTO DE TÔDAS AS ESTAÇÕES...

Foto Manassé

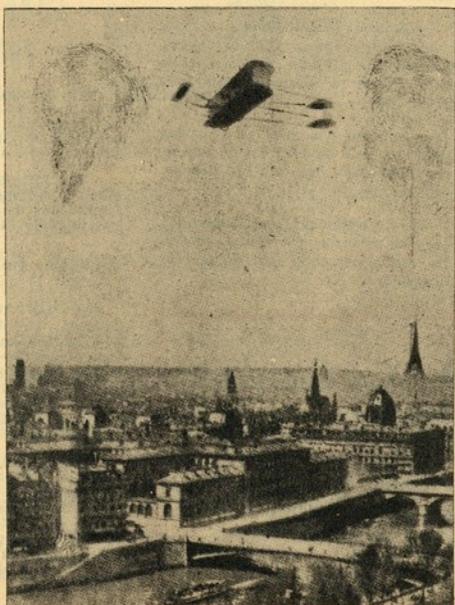
### O CÃOZINHO QUE RI É O CÃOZINHO QUE CHORA

**P**ARA aqueles que possam duvidar, aqui damos duas fotos de dois cachorros de temperamento oposto. Um é filósofo, pela certa, que está a pensar em algum profundo problema de gênese canina. Deve ser, mesmo, um cão sensato, que não dá ponto sem nó e traz a vida direita. O outro da direita, pelo contrário, vê-se que é um cão petulante, cabeça no ar, orgulhoso e irreverente. Não é verdade que o da esquerda é simpático e o da direita é antipático?



### SINAL DOS TEMPOS

**H**Á trinta anos, a guerra aérea fazia-se assim, com estes aparelhos — um biplano francês que defendia o céu de Paris contra as incursões aéreas dos alemães que visitavam a capital da França num prelúdio do que seriam os ataques em massa a que o mundo agora assistiu assombrado.



## NÃO SE BRINCA COM A ETIQUETA!

OFICIAIS AMERICANOS: ATENÇÃO!

**P**ARA os ingleses, os primos americanos são uns simples; mas para os americanos, os ingleses são uns complicados. Os oficiais americanos que se encontram em Inglaterra em contacto com os Estados-Maiores britânicos sentem-se aflitíssimos com a diversidade e a complicação dos títulos nobiliárquicos dos seus colegas ingleses. Frequentemente recusam convites no receio de cometerem «gaffes»!

A fim de evitar aborrecidos erros, pois os ingleses são intransigentes em matéria de etiqueta, o comando norte-americano acaba de fazer editar uma pequena brochura que é uma verdadeira enciclopédia de árvores genealógicas e protocolos britânicos.

Foi assim que os americanos aprenderam, com pasmo, que há «Lords» e «Lords» — e que quando a palavra «Lord» é seguida de um nome próprio, como Lord John, isso significa que o personagem é conde, marquês ou duque de Inglaterra, mas que não tem assento na Câmara dos Pares.

Mas se aquêle mesmo título precede um apelido de família, como por exemplo, Lord Rothermere, isso quer dizer que o personagem tem um assento na aludida Câmara — e, na vida íntima, sua esposa dirá simplesmente «Rothermere», e não qualquer dos seus nomes próprios.

A sua cozinheira, porém, tratá-lo-á da mesma maneira, mas não esquecendo nunca de antepor o título ao apelido. Tudo isto assim pela simples razão de que Lord Rothermere não é duque, nem conde, nem barão: se ele fosse qualquer destas grandes coisas, sua esposa diria, ao falar dele: «Sir Henry».

No que respeita ao elemento feminino, as designações são múltiplas. Porque também há «Ladies» e «Ladies». A menina filha de um barão é designada por «Lady», mas sendo este título seguido pelos seus nome e apelido: Lady Dorothy Batfield. Se ela é casada com um «Lord» de igual nobreza, pode seguir-se à

(Continua na pag. 18)

## PARA A SUA CURIOSIDADE



**Há mais de vinte séculos que os sábios acertaram os relógios para andarem assim desacertados!**

**O** primeiro relógio de sol apareceu 740 anos de Cristo e foi apresentado por Achaz, rei da Judeia. Depois, Platão, Aristóteles, Arquimedes, logo seguidos de muitos outros, até 1877, não se faram de aperfeiçoar os métodos de registar o tempo e a forma de o medir. Então, apareceu o sr. Paillard, de Genebra, que apresentou o relógio, ponto de partida de quantos hoje usamos.

Desde então, os astrónomos deram-se a acertar os relógios em todo o mundo — e pelo que as fotos nos mostram, nunca mais ficaram certos. Ora vejam só as horas que são por esse países fora, enquanto nós aqui em Lisboa nos sentamos à mesa, às 13,30, para o nosso parco almoço...

Vejam, pois, as horas que são às 13,29 em Tóquio, em Buenos Aires, em Nova-York, no Cairo, Melbourne, em Londres, em Berlim...



# PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

## DAMAS

(Secção espanhola)

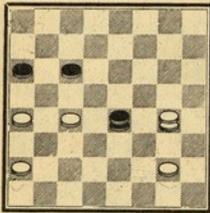
Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 56 (Problema)

«La Provincia», 5/4/945  
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Teides»

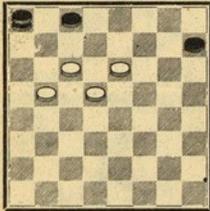


Mate em 5 jogadas.

COMPOSIÇÃO N.º 57 (Final artístico)

«La Provincia», 12/4/945  
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Lustada XVI»



Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

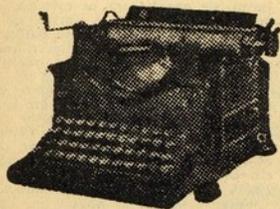
UMA PARTIDA EXEMPLAR DE JOGO DE «DAMAS» QUE DEMONSTRA A EPICÁCIA DA FORMAÇÃO

(Análise do Dr. Carlos Rodrigues Lafora, de Las Palmas — Espanha)

JOGO N.º 9 (Estrangeiro)

Abertura «A Ariana» — 5-7

Tagliaferri	Lances	Lavizari
Brancas		Pretas
10-14	1.º	21-17
5-10 (a)	2.º	25-21 (b)
1-5 (c)	3.º	22-18
9-13 (d)	4.º	18-9



## A. C. Cardoso

Reconstruções e reparações em máquinas de escrever e calcular

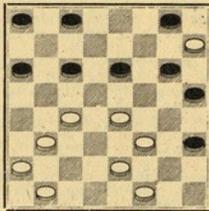
ORÇAMENTOS GRÁTIS

COMPRA, VENDE E TROCA  
RUA ANTÓNIO PEDRO 24, 1.º-Dir.

TELEFONE 52458

14-19	5.º	23-14
11-25	6.º	27-22 (e)
10-14 (f)	7.º	28-23
5-10	8.º	26-21 (g)
7-11	9.º	30-26 (h)
11-15 (i)	10.º	22-18 (j)
3-7 (l)	11.º	18-11
7-14	12.º	26-22

Posição do jogo ao 12.º lance das pretas:



15-19 (m)	13.º	22-15
18-28	14.º	32-23
8-12	15.º	24-20
12-15	16.º	20-11
6-15	17.º	31-28
4-8	18.º	28-24
15-19	19.º	17-13
10-26	20.º	29-15
25-29	21.º	.....

É a partida terminou com a vitória das brancas, que no nosso jogo clássico também ganham se se levar rapidamente a «dama» a «pedra» da casa 14, e com duas «damas» e duas «pedras» vencerá uma «dama» e três «pedras»; porém, é necessário jogar com bastante cuidado.

(a) Aqui pode jogar-se 12-15 e também é bom 14-18, entrando na Meta (abertura 6-7).

(Continua)

## NOTICIÁRIO

Em Abril tiveram a gentileza de nos visitar os nossos particulares amigos e confrades António Lopes, de Ovar, e Dr. José Rodrigues Correia, de Viseu, o que muito agradecemos.

— Continua disputando-se renhidamente o 1.º Campeonato por Correspondência, de Vida Mundial Ilustrada. Breve se publicará a lista dos prémios.

— Também nos pede para saídam todos os seus adversários, o concorrente António dos Santos Piedade, de Abrantes.

— O 1.º «Match» Internacional de Jogo de «Damas» por Correspondência, está decorrendo com grande entusiasmo.

## XADREZ

Jogo disputado no I Portugal-Espanha, no Casino Estoril, em 10-3-45, entre Rui do Nascimento (português) e A. Frias (espanhol).

### Nascimento

- 1) d2—d4
- 2) Cg1—f3
- 3) c2—c4
- 4) Cb1—c3
- 5) g2—g3
- 6) Bf1—g2
- 7) b2—b3
- 8) O—O
- 9) Bc1—b2
- 10) Cf3—d2
- 11) e2—e4
- 12) Cd2×e4
- 13) d4—d5
- 14) Cc3×e4
- 15) d5×c6
- 16) Cc4—d6
- 17) Cd6×e8
- 18) Dd1—d2
- 19) Ta1—d1
- 20) Tf1—e1
- 21) Dd2—d7
- 22) Td1×d7
- 23) Te1—d1
- 24) Bg2—f1
- 25) Td7—d2
- 26) Bb2—d4
- 27) Bf1—e2
- 28) Bd4×c5
- 29) Td2—d8
- 30) Td8×e8+
- 31) Td1—d8
- 32) Be2—h5+
- 33) Bh5×g6+
- 34) Td8×e8
- 35) Te8—e8

### A. Frias

- 1) Cg8—f6
- 2) e7—e6
- 3) d7—d5
- 4) Bf8—e7
- 5) O—O
- 6) Cb8—d7
- 7) c7—c6
- 8) Tf8—e8
- 9) Be7—d6
- 10) Bd5—c7
- 11) d5×e4
- 12) e6—e5
- 13) Cf6×e4
- 14) f7—f5
- 15) b7×c6
- 16) Cd7—b8
- 17) Dd8×e8
- 18) Cb8—a6
- 19) Bc8—e6
- 20) Be6—f7
- 21) De8×d7
- 22) e5—e4
- 23) Be7—b6
- 24) Ca4—c5
- 25) Ta8—e8
- 26) Bf7—h5
- 27) Bh5—f7
- 28) Bb6×c5
- 29) h7—h6
- 30) Bf7×e8
- 31) Rg8—f7
- 32) g7—g6
- 33) Rf7—g6
- 34) Rg6—f6
- 35) Abandonam.

## PASSATEMPO

### ANAGRAMA

Com as letras a seguir designadas formar:

- 1) Uma cidade da Europa: RAMO
- 2) Uma cidade portuguesa: GOLAS
- 3) Uma cidade da Europa: PISAR
- 4) Uma cidade portuguesa: LABUTES
- 5) Uma cidade da Europa: PAGAR
- 6) Um rio da França: SANE
- 7) Um rio de Portugal: RIMA
- 8) Uma serra portuguesa: SO AS

### SOLUÇÕES DO ÚLTIMO NÚMERO

- 1) Minho-Linho. 2) Évora-Xévara. 3) Colónia-Polónia. 4) Abílio Marques.



# palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 18 (Concurso)

Por José Rodrigues Correia (Viseu)

### ENUNCIADO

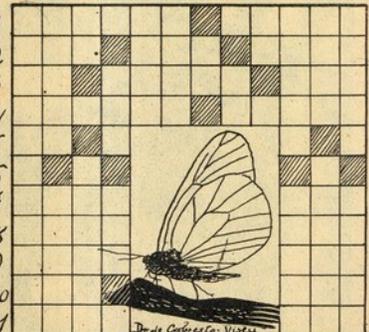
HORIZONTAIS: 1—Sublime; peixe de água doce. 2—Época; reza; passas para fora. 3—Porco; pequeno quadro, com orações, que se encosta à banqueta do altar; únicos. 4—Desculpa; fecha com laço. 5—O Sol. 7—Jornada; anel. 8—Rio da África Oriental; troçar. 9—Anlieira; aia. 10—Ceder; admitir. 11—Anual; apêndice membranoso de alguns insectos ou peixes.

VERTICAIS: 1—Definida. 2—Raivosa; cidade da França. 3—Siga; quebrada. 4—Ponto cardinal; astro. 5—Horas do ofício divino. 6—Cetáceo da família dos delfins. 7—Clima. 8—O mais. 9—Artigo. 10—Réde de arrastar; lavrada. 11—Mais mau; irmãs do pai. 12—Queimas; rezara.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 (Concurso)

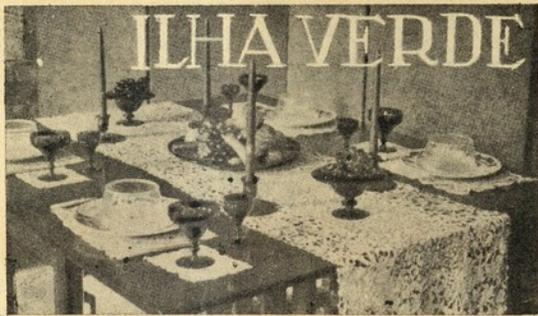
HORIZONTAIS: 1—Cana; educada. 2—Alara; amoves. 3—Pataca; amora. 4—Acarada; ócas. 5—Tas; velavas. 6—As; magotes. 7—Colator; la. 8—Denodar; vir. 9—Revi; adamado. 10—Orate; arecal. 11—Dadora; asaru. 12—Amarara; asas.

VERTICAIS: 1—Capataz; roda. 2—Alacas; deram. 3—Natas; cevada. 4—Arar; monitor. 5—A cavalo; era. 6—Adegada; ar. 7—Dá; alotada. 8—Uma; atorara. 9—Comover; mesa. 10—Avocas; vacas. 11—Deras; lidara. 12—Asas; carolas.



1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

É NA CASA  
REGIONAL DA



QUE SE ENCONTRAM OS MAIS LINDOS  
E ARTÍSTICOS BORDADOS

RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AÇ. CHINHO) — LISBOA — TEL. 25974

Composição: Mentholum 8 grs. — Methylum Salicylicum 8 grs.  
Lanolinum Anhydricum 16 grs.



Dr. BENGUÊ, Farmacêutico de 1ª classe  
pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico  
de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas.  
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
20,30	16,7	19,5	19,7	25,3
22,45		19,5		25,3
23,00	30,9	39,6		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por  
Intermédio da «B. B. C.», todos os dias das 19,45 às 20.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da  
AMÉRICA em MARCHA



MATITÉ — sem  
talco — verdadeiro  
prodígio de embe-  
lezamento feminino, é  
o pó de arroz ade-  
quado para fazer  
realçar as linhas gra-  
ciosas da mulher.  
Preparado científi-  
camente, é magnífico  
para tôdas as peles.

L.T. PIVER

LEIA  
TODOS OS  
SÁBADOS  
Vida  
Mundial  
UM JORNAL QUE É  
UM MUNDO!

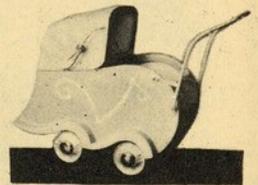


Os melhores artigos dos melhores  
autores transcritos dos melhores jor-  
nais dos vários países.

Por um escudo por semana evitará  
gastar muitos escudos na compra de  
muitos jornais e revistas.

Compre avulso • Faça a sua assinatura

CARRINHOS  
PARA  
BEBÉS  
e cadeirinhas



Fabrinca

os melhores

a pronto ou com  
facilidades  
de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.ª

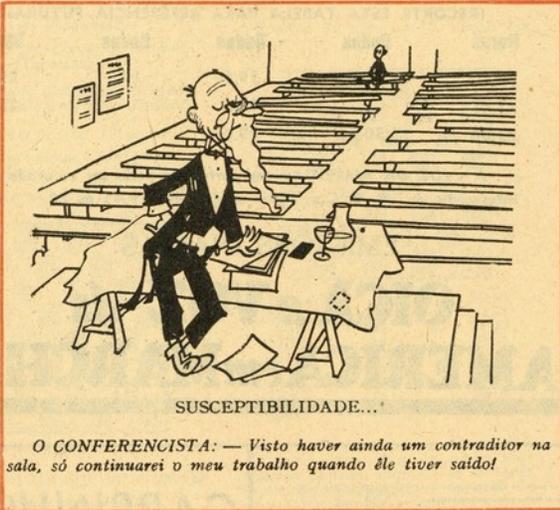
R. Arco do Bandeira, 79, 1.ª  
LISBOA Telefone 26713  
(atende-se a provincia)



# HUMORISMO

## O RETRATO DA BODA

O fotógrafo, para o marido recém-casado: — Talvez fôsse preferível V. Ex.<sup>a</sup> olhar para sua esposa...



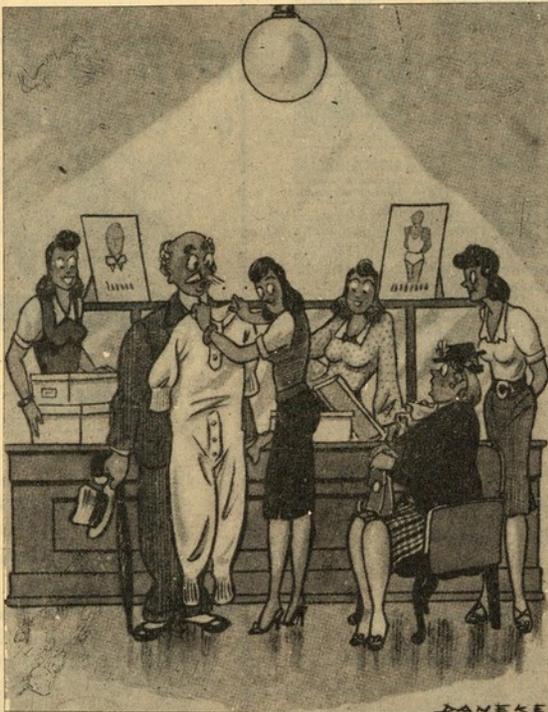
SUSCEPTIBILIDADE...

O CONFERENCISTA: — Visto haver ainda um contraditor na sala, só continuarei o meu trabalho quando ele tiver saído!

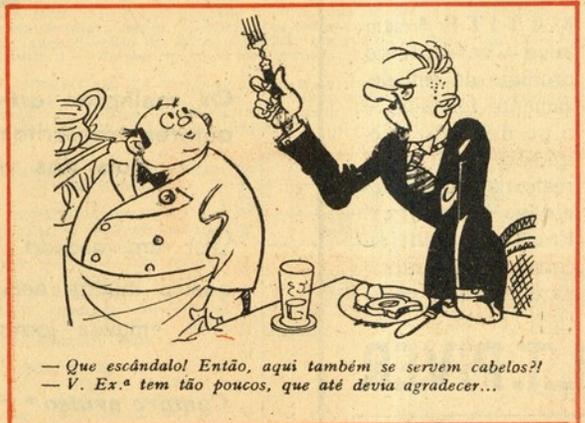


PIONEIROS

— Este minério prova que não fomos nós os primeiros a explorar estas paragens...



— Agrada-te, queridinha?...



— Que escândalo! Então, aqui também se servem cabelos?!  
— V. Ex.<sup>a</sup> tem tão poucos, que até devia agradecer...